

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, POLÍTICAS E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**CRISTIANISMO PRIMITIVO E A EDUCAÇÃO DO CORPO: ESTUDO
DAS EPÍSTOLAS PAULINAS**

MATHEUS ROBERTO BREDÁ TEIXEIRA

**MARINGÁ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, POLÍTICAS E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

**CRISTIANISMO PRIMITIVO E A EDUCAÇÃO DO CORPO: ESTUDO DAS
EPÍSTOLAS PAULINAS**

Texto para defesa apresentado por MATHEUS
ROBERTO BREDÁ TEIXEIRA, ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual
de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação, Políticas e
Práticas Pedagógicas.

Orientador:

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO

MARINGÁ
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

T266c

Teixeira, Matheus Roberto Breda

Cristianismo primitivo e a educação do corpo : Estudo das epístolas paulinas / Matheus Roberto Breda Teixeira. -- Maringá, PR, 2024.
93 f.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Educação. 2. Cristianismo primitivo. 3. Educação do corpo . 4. História da educação. I. Melo, José Joaquim Pereira, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 371.0712

MATHEUS ROBERTO BREDÁ TEIXEIRA

**CRISTIANISMO PRIMITIVO E A EDUCAÇÃO DO CORPO: UM ESTUDO DAS
EPÍSTOLAS PAULINAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo – UEM

Prof. Dr. Meire Aparecida Lóde Nunes – UNESPAR - Paranavaí

Prof. Dr. Roseli Gall do Amaral – UTFPR - Apucarana

14/06/2024

Dedico este trabalho especialmente a minha noiva Rafaella Maria e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de algum modo contribuíram para a edificação deste trabalho, desde os tempos mais remotos de graduação até o presente dia. Eternamente grato. Ademais, gratidão especial ao orientador José Joaquin Pereira Melo.

“O amor é paciente, prestante é o amor: não inveja, não fanfarrona, não se incha [de vaidade]; não é indecoroso, não procura as coisas [que são do interesse] dele; não se irrita nem contabiliza o mal [que lhe é feito]; não se alegra com a injustiça, mas se alegra pela verdade. Tudo aguenta, tudo confia, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha. Se [existem] profecias, elas serão anuladas. Se [existem] línguas, cessarão. Se [existe] conhecimento, será anulado. Pois o nosso conhecimento é parcial e parcial é a nossa profecia. Quando vier o perfeito, o parcial será anulado.” (1Co. 13, 4-10)

TEIXEIRA, Matheus Roberto Breda. **CRISTIANISMO PRIMITIVO E A EDUCAÇÃO DO CORPO: UM ESTUDO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS**. 93. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2024.

RESUMO

Escassos são os estudos sobre corpo realizados pela historiografia, mesmo que em outras áreas do conhecimento o corpo seja concebido enquanto objeto de estudos. Neste trabalho, interessa-se pelo corpo devido a possibilidade de aproximação das concepções de homem e educação propostas pelo cristianismo nascente, ao desenvolver-se nos espaços do universo romano. Também, em especial, por considerar a análise do passado, no presente, em busca de exemplos para a atualidade, por meio da compreensão que foram em tempos que se afastam dos nossos, cujo objetivos, sentidos e práticas, tinham por fim atender às demandas da sociedade que os produziram e os requisitavam. Desse modo, a presente pesquisa teve como objetivo investigar os preceitos morais presentes nas correspondências paulinas que auxiliaram no estabelecimento da educação do corpo para os primeiros cristãos. O método utilizado provém da História Social e propõe interdisciplinaridade e ampliação das investigações, centrado no corpo enquanto objeto de estudo. Para tanto, foram abordadas as correspondências aos Coríntios (primeira e segunda), Tessalonicenses, Gálatas e aos Romanos, visto que são, principalmente, nesses escritos que podem ser destacados e discutidos os ensinamentos sobre o corpo. Constatou-se que a proposta educacional cristã concedeu aos homens uma nova alternativa de compreensão acerca do mundo, de si mesmo e de seus corpos, como resultado houve alterações e modificações dos costumes, comportamentos e regras de condutas dos homens, com a principal mudança sendo direcionada ao apreço pelos afetos, em especial, pureza e amor, além da disciplina e obediência. Ademais, a nova concepção de corpo foi resultado da alteração da crença religiosa dos homens devido a maior abertura e recepção ao monoteísmo, em especial o monoteísmo cristão. Enfim, ainda foi possível compreender a respeito das transformações sociais que o Ocidente e o Oriente perpassaram em seus respectivos movimentos históricos.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Corpo; Cristianismo Primitivo.

TEIXEIRA, Matheus Roberto Breda. **EARLY CHRISTIANITY AND THE EDUCATION OF THE BODY: A STUDY OF THE PAULINE EPISTLES**. 93. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2024.

ABSTRACT

Studies on the body conducted by historiography are scarce, even though in other fields of knowledge, the body is conceived as an object of study. This work is interested in the body due to the possibility of approaching the conceptions of man and education proposed by nascente Christianity, as it developed within the Roman world. Additionally, this focus is particularly due to the consideration of analyzing the past in the present, seeking examples for contemporary times, understanding that they come from periods distant from ours, with objectives, meanings and practices aimed at meeting the demands of the society that produced and required them. Thus, the present research aimed to investigate the moral precepts present in the Pauline epistles that helped establish the education of the body for the early Christians. The method used comes from social history and proposes interdisciplinarity and broadening of investigations, centered on the body as an object of study. For this purpose, the letters to the Corinthians (first and second), Thessalonians, Galatians and Romans were addressed, as it is mainly in these writings that teachings about the body can be highlighted and discussed. It was found that the Christian educational proposal offered people a new alternative for understanding the world, themselves and their bodies, resulting in changes and modifications in customs, behaviors and rules of conduct. The main shift was towards valuing affections, especially purity and love, as well as discipline and obedience. Furthermore, the new conception of the body resulted from the change in people's religious beliefs due to greater openness and reception of monotheism, particularly Christian monotheism. Finally, it was also possible to understand the social transformations that the West and East underwent in their respective historical movements.

Key words: Education; History of Education; Body; Early Christianity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. IMPÉRIO ROMANO I D.C	19
2.1. A Organização	19
2.2. As Províncias	20
2.3. Espaços Rurais e Economia	21
2.4. A Estabilidade: Pax Romana e o Império	24
2.5. A Instabilidade: Pax Romana e Crises	25
2.6. O Homem	27
2.7. Cristianismo Romano	29
3. ÁSIA MENOR E PAULO DE TARSO	32
3.1. Paulo de Tarso: Ofício, Origens e Formação	33
3.2. As Primeiras Comunidades Cristãs	35
3.3. A Ekklesia, Ações e Espaços	37
3.4. Ações e Dissensões	39
3.5. Escritos Paulinos	41
3.6. Viagens e a Região	44
3.7. Tarso e a Helenização	47
3.8. Tarso e o Império Romano	50
4. A EDUCAÇÃO DO CORPO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO	57
4.1. O Corpo, a Transformação e a Vida Eterna	58
4.2. A Impureza e o Corpo	61
4.3. O Cristão Primitivo é Exemplo	63
4.4. A Sabedoria dos Afetos	65
4.5. O Corpo e Liberdade	68
4.6. Orientações ao Corpo para Sacralização	70
4.7. O Governo do Corpo	72
4.8. O Impeditivo Corpo	74
4.9. Realizações Materiais no Céu ou na Terra?	75
4.1.2. Corpo, Cristianismo Primitivo e Paulo de Tarso	78
5. CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	86

1. INTRODUÇÃO

O corpo humano, mesmo que estudado em várias áreas do conhecimento, não tem recebido o mesmo tratamento pela historiografia da educação. Considerando as várias possibilidades de se conhecer e estudar o corpo, desde o seu nascimento à sua morte, nos últimos tempos tem despertado o interesse de estudiosos e pesquisadores da educação, no sentido de entender e explicar essa dimensão humana no tempo, para melhor compreender concepções de corpo e educação produzidas historicamente. Vale considerar que, essas distintas concepções de corpo e educação, sofrem influências de diferentes discursos, seja de caráter social, político, religioso, econômico, e põem à luz às realidades desses respectivos tempos em as relações vigentes em espaços definidos e delimitados (SOARES, 2011). Por isso, há necessidade de compreender os processos educacionais por contemplarem preocupações, orientações, descrições e saberes relacionados ao corpo, especialmente aqueles que se encontram escondidos no passado; na expectativa de que uma análise desses, no presente possa trazer exemplos para a atualidade, considerando que foram em tempos que se afastam dos nossos, cujo objetivos, sentidos e práticas, tinham por fim atender às demandas da sociedade que os produziram e os requisitavam.

Dessa maneira, encontra-se ainda determinada importância direta relacionada aos historiadores, sobretudo, da educação, pois a possibilidade de compreender novas propostas pedagógicas converge para a contribuição e ampliação dos debates a respeito dos processos formativos que envolvam educação do corpo. Do mesmo modo que a pesquisa também poderá ser relevante no âmbito específico da história do corpo e, de modo geral, para a educação física.

Nessa perspectiva, nos aproximamos das concepções de homem e educação propostas pelo cristianismo, tendo como objeto de estudo o corpo. Naquele período histórico, na Antiguidade Tardia, a educação para o corpo trazido pelo cristianismo primitivo, trouxe uma nova concepção do mundo, de sociedade e de homem, distinta daquela promovida na Antiguidade, pela cultura clássica, mas com aproximações e distanciamentos em pontos específicos de suas reflexões.

Em certo sentido, tanto para os romanos como para os cristãos, o corpo era valorizado cada um a seu modo. No entanto, a possibilidade de enxergar o universo de uma maneira diferente da apresentada pelo cristianismo nascente concedeu aos homens uma nova alternativa de compreensão acerca do mundo e de si mesmo; e, nesse sentido, de seus corpos.

Durante o século I d.C., no Império Romano, as práticas corporais e a importância do corpo estava diretamente relacionado aos hábitos militares, de modo a preocupar-se também com o desenvolvimento da higiene (LEAL, 1950); com o tempo, tais aspectos ganharam nova orientação, sobretudo com o advento do cristianismo, que trouxe consigo outras preocupações e conteúdo formativo. A máxima “*Ducce et decorum est pro patria mori*” (Doce e belo é morrer pela pátria)” (MARROU, 1975, p.358) havia se transformado devido ao fato de que a crença religiosa dos homens de Roma encontrava-se energeticamente alterada.

Esse fator foi agravado pela *Pax Romana* (27 a.C. – 180 d.C.), que cessou o expansionismo e diminuiu os conflitos externos, acarretando, porém, outros problemas, sobretudo, internos. Desse modo, o Império preocupou-se, especialmente, em desenvolver e explorar os povos conquistados, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Na porção oriental, na região da Ásia Menor, o contato com outras culturas, sobretudo com diferentes correntes filosóficas e religiões (REALE; ANTISERI, 1990), foram intensificados pelo mundo sem fronteiras que o Império estabeleceu. Nesse cenário, novas propostas e maneiras de viver e conviver são conhecidas e, em muitos casos, integradas à vida de grupos da sociedade imperial.

Dentre as preocupações destas novas propostas, o corpo bem como sua educação recebeu certa atenção durante o I d.C. sobretudo, pois, naquele momento os homens possuíam peculiaridades num quadro onde a banalização do corpo era algo comum e aceito, no Império Romano. Algumas das preocupações direcionadas para o corpo, contemplavam o fascínio pelo erotismo, pela embriaguez, e para os primeiros cristãos, pelo erro/pecado (NUNES, 1978). Outro fator relevante reside na atração e excitação carnal, comuns entre a população, que também não aparentavam se preocupar com a moderação das suas práticas. Em certo sentido, na perspectiva cristã, tais aspectos dominavam as ações e os comportamentos dos homens.

Assim, a proposta do cristianismo primitivo apresentada por Paulo de Tarso, em um ambiente cujo cenário era apocalíptico, atingiu diretamente a educação do

corpo. A orientação de Paulo é voltada para que o corpo expresse qualidades morais; assim se compreende o novo panorama em relação à maneira de se pensar o corpo e, portanto, educá-lo. Além disso, nesse momento a educação corporal perpassa pela nova *religio* que estreita laços com a moral, destinando o indivíduo para longe de possíveis entraves que possam prejudicar a própria moralidade e o convívio social.

Segundo Vieira (2016, p.122), o pensamento cristão realça “[...] a importância fundamental de uma visão do ser humano que não negligencie o corpo como dimensão fundamental”. Trata-se, portanto, de analisar que no nascimento do cristianismo primitivo, o corpo foi utilizado como instrumento educativo. Se é pelo corpo que vivemos, cuidar bem do corpo é cuidar de si (VIEIRA, 2016).

Assim, a proposta de pesquisa tem como objetivo investigar os preceitos morais contidos em escritos paulinos. A hipótese que se constrói é de que esses escritos foram fundamentais na elaboração de uma proposta formativa cristã para o corpo, o que se distanciava daquela praticada, até então, na sociedade clássica. Desse modo, justifica-se a escolha de Paulo de Tarso, pois ele pode ser considerado um dos primeiros, senão o primeiro a elaborar ideias em relação à educação para o corpo, a partir dos ensinamentos de Cristo. Orientações essa que aparecem contundentes em suas correspondências destinadas às diversas comunidades cristãs das regiões ocidentais e orientais do Império Romano, a exemplos de Corinto, Galácia, Éfeso, Colossos, além de Filipos e Tessalônica situadas entre o oriente e o ocidente. Enquanto que o destinatário ocidental foi a capital do Império: Roma.

Ao todo, são treze correspondências consideradas participantes da tradição paulina; sete são consideradas autênticas, enquanto seis, devido à situação literária e o contexto vital dos escritos, podem ser situadas na geração posterior à morte de Paulo (FABRIS, 1996). Nessa pesquisa, a atenção será centrada nas correspondências autênticas: primeira epístola aos Tessalonicenses; a primeira aos Coríntios; aos Filipenses; a Filêmon; aos Gálatas; aos Romanos e a segunda epístola aos Coríntios (FABRIS, 1996).

Especificamente para este estudo, serão discutidas as correspondências aos Coríntios (primeira e segunda), Tessalonicenses, Gálatas e aos Romanos, visto que são nesses escritos que Paulo de Tarso, dá maior ênfase nos seus ensinamentos sobre o corpo. Em seus escritos, Paulo de Tarso, propõe como o cristão deve ser

educado pelo corpo, em especial, pois, ele reflete o estado e os comportamentos dos homens de seu tempo, torna-se possível compreender que o corpo é capaz de contar uma história; desse modo, o corpo, em especial, do cristão, indica todo o ideal de moralidade presente no pensamento do cristianismo nascente.

Para Paulo de Tarso, é preciso que o homem compreenda a importância do universo afetivo, em especial porque o corpo expressa sua condição. Segundo Marrou (1975, p.486), “[...] o Cristianismo é, antes de tudo, uma religião que regula as relações a serem estabelecidas entre o homem e Deus”. Por isso, a relação de sintonia com Deus, de viver em sociedade e expressa a importância que é atribuída nos escritos paulinos à educação para o corpo.

Além do mais, o estilo de vida considerado luxuoso, as crises econômicas e sociais do antigo Império Romano, aliados à obsessão pela materialidade e pelos apelos e vícios dos sentidos, comum entre os romanos, contribuíram para que o cristão buscasse para o seu corpo alento no sagrado, que via em seu corpo uma forma de correção da vida para melhor conviver em comunidade e alcançar sua finalidade: a salvação. Jaeger (1939, p.4) enfatiza que “Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior”. É também nessa perspectiva que Paulo de Tarso propõe uma educação para o corpo e contribui na passagem do universo racional para o universo afetivo cristão.

O método que orienta a reflexão é proveniente da História Social. A aproximação da História Social ocorre por compreender que os acontecimentos históricos devem ser pensados por meio do diálogo entre as áreas do conhecimento; todas as esferas de atividade humana devem ser consideradas, e nenhum setor da vida social pode ser entendido isoladamente dos outros (BURKE, 2002).

Essa ótica de “intercâmbio” de reflexões para realizar pesquisas no campo da história impulsionou os trabalhos de Marc Bloch (1886 – 1944) e Lucien Febvre (1878 – 1956) a ambicionar uma história mais ampla e humana. Ademais, ressalta-se a importância de tal método, especialmente devido à compreensão de que nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento (BLOCH, 2001).

Sob essa ótica, o método nos auxilia a pensar o objeto de estudo – o corpo – inserido e interligado com as experiências humanas como um todo, e, permite analisá-lo como algo que contemple a vida cotidiana e as relações entre os homens

(cf. BARROS, 2005). Assim, as Histórias do Corpo estão voltadas para uma história que estaria interessada em todas as atividades humanas e trabalharia com as ideias da antropologia, da economia, da psicologia e da sociologia (BURKE, 2002).

Em relação à caracterização do estudo, podemos indicar a pesquisa bibliográfica e qualitativa, de caráter teórico e documental, a qual explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos, de modo a conhecer e analisar contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (RAUPP; BEUREN, 2003).

Ademais, a fonte de estudos primária serão as correspondências paulinas autênticas. Nesse sentido, ressalta-se a importância em que se encontra a fonte em questão, devido ao trabalho de tradução de Frederico Lourenço (1963 -). Sob essa ótica, há de se destacar o tratamento dado à Bíblia (Novo Testamento) por parte do autor, pois a maneira como Lourenço centra sua importância em permitir que a originalidade do texto, especialmente com relação a linguagem, seja percebida, permite ao linguista português traduzir os textos religiosos sem ambicionar pretensões religiosas.

Assim, a análise das fontes, valendo-se do corpo enquanto objeto de estudo, contempla os modos e mecanismos de organização social, as relações sociais (entre estes grupos e entre os indivíduos no seu interior), e os processos de transformação da sociedade (cf. BARROS, 2005) que permitiu analisar o cristianismo primitivo como construção social e, assim, discutir a educação do corpo. Trata-se também, de estabelecer parâmetros, como dizia Políbio (200 – 117? a.C), de analisar como, quando e com base em quais preceitos (I, 5.1, *Hist. Prag.*) aconteceram determinados fatos históricos, e assim compreender como, quando e baseado em que, o cristianismo primitivo, por meio de Paulo de Tarso, destina suas preocupações com relação a educação do corpo.

Todavia, as investigações não se limitam a revisão de literatura. Para tanto, o material de pesquisa se constituiu no referencial já tornado público em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, teses, entre outros (RAUPP; BEUREN, 2003). Especificamente nesta pesquisa, a leitura e análise dos textos foram feitas a partir da fundamentação teórica de estudiosos dos escritos paulinos, como por exemplo, Rinaldo Fabris. Ainda, essa fundamentação perpassa pelas reflexões de historiadores que discutem a respeito do período em que Paulo de Tarso estava

inserido como Peter Brown, Pierre Grimal ou ainda Díon de Prusa. Em ambos os casos todos os estudiosos serviram como base para a realização de uma leitura crítica e objetiva dos materiais selecionados.

Assim, para compreender a respeito da educação do corpo em Paulo de Tarso, foi necessário compreender o período em que o autor se encontrava. Nesse sentido, a abordagem dos textos selecionados baseou-se na análise de conteúdo (BARDIN, 2016; CONSTANTINO, 2002; GIL, 2017). Para mais, os procedimentos utilizados para análise foram: pré-análise, exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (cf. BARDIN, 2016).

Durante a pré-análise, realizou-se uma leitura inicial das fontes, em decorrência disso, formou-se um *corpus*, compreendido como o conjunto de documentos a serem utilizados durante a pesquisa. Posteriormente, na exploração do material, é marcada a presença de leituras cuidadosa das fontes, além de exercer o processo de fragmentação dos textos em unidades de análise (CONSTANTINO, 2002), definidas de acordo com os objetivos e hipóteses expressos na pesquisa e organizados a partir do tema (BARDIN, 2016).

Ademais, ainda no processo de exploração do material, realizou-se a categorização, para o estabelecimento de categorias de análise, que foram definidas a partir da própria leitura do material selecionado (cf. GIL, 2016) e seguindo os parâmetros de pertinência, homogeneidade, exclusividade e objetividade (CONSTANTINO, 2002). Dessa forma, cada unidade de análise foi estruturada e organizada a partir do tema e formada por categorias iniciais e finais, além de conceitos norteadores.

Assim, a pesquisa contempla três unidades de análise. A primeira, foi definida a partir do tema: Império Romano durante o I d.C., com o objetivo de analisar a maneira como estava estruturado o universo conhecido da época. Neste momento, foram utilizadas sete categorias iniciais de análise: 1) Organização; conceito norteador: organização institucional e política do Império; 2) Províncias; conceito norteador: organização das terras subjogadas e funções político-administrativas do Império; 3) Economia e Espaço Rural; conceito norteador: constituição dos espaços e sistema econômico vigente; 4) Estabilidade do Império; conceito norteador: modificação dos costumes atribuídos ao momento de estabilidade; 5) Instabilidade do Império; conceito norteador: presença e importância dos conflitos internos no Império; 6) O Homem e o Sagrado; conceito norteador: principais crenças e o

desenvolvimento das religiões no Império; 7) Cristianismo no Império; conceito norteador: estabelecimento do cristianismo no Ocidente. Desse modo, as categorias finais de análise foram: I) Organização política, administrativa e econômica do Império Romano I d.C.; II) Modificação dos costumes, aliado ao desenvolvimento da esfera do sagrado.

A segunda unidade de análise foi definida pelo tema: Ásia Menor e a figura de Paulo de Tarso, com o objetivo de analisar o desenvolvimento do cristianismo nascente e compreender a respeito da formação, além de traços da biografia de Paulo de Tarso. Desse modo, foram utilizadas oito categorias iniciais de análise: 1) Origem, formação e ofício de Paulo; conceito norteador: importância dos dados bibliográficos de Paulo de Tarso; 2) As primeiras comunidades cristãs; conceito norteador: processo de formação e o desenvolvimento das primeiras comunidades no cristianismo nascente; 3) Espaços da *ekklesia*; conceito norteador: principais estruturas e organizações da *ekklesia*; 4) Ações e dissensões no início do cristianismo; conceito norteador: presença e importância de conflitos internos na construção do cristianismo primitivo; 5) Obras de Paulo de Tarso; conceito norteador: processos de comunicação nos escritos paulinos; 6) Viagens empreendidas por Paulo; conceito norteador: expansão do cristianismo nascente; 7) Helenização da cidade de Tarso; conceito norteador: aspectos relacionados à cidade de Tarso e sua importância; 8) Império Romano e a cidade de Tarso; conceito norteador: relações entre Tarso e Roma, além da importância da modificação dos costumes. Dessa forma, as categorias finais de análise foram: I) Desenvolvimento e construção do cristianismo durante o I d.C.; II) Relações sociais estabelecidas entre Ásia Menor e o Império, aliado à modificação dos costumes dos homens.

Por fim, a terceira unidade de análise, definida a partir do tema: Educação do corpo no cristianismo primitivo. Possui como objetivo analisar a proposta de educação apresentada por Paulo de Tarso, no nascimento do cristianismo. Neste momento, foram utilizadas dez categorias iniciais de análise: 1) Corpo, transformação e vida eterna; conceito norteador: percepção cristã com relação a sua própria estadia no Império e a relação com as novas orientações para o corpo; 2) Virtude na impureza; conceito norteador: importância da pureza, enquanto virtude cristã, para a educação do corpo; 3) O exemplo cristão; conceito norteador: importância da pedagogia do exemplo para o desenvolvimento do cristianismo e também para compreensão da educação do corpo; 4) Virtude do amor; conceito

norteador: importância do amor, enquanto virtude cristã, para a educação do corpo; 5) Processo de liberdade cristã; conceito norteador: conceito de liberdade apresentada por Cristo e a relação com o corpo; 6) Sacralização do corpo; conceito norteador: processo de santificação do homem e sua relação com o corpo; 7) Condições do corpo; conceito norteador: compreensão do corpo em sua dimensão social; 8) O corpo problema; conceito norteador: capacidade do corpo de impedir o desenvolvimento do cristianismo nascente; 9) Questão da materialidade; conceito norteador: importância das questões materiais e sua relação com a educação do corpo; 10) Autor, tempo e o corpo; conceito norteador: concepção de corpo e sua importância no desenvolvimento do cristianismo nascente. Assim, as categorias finais de análise foram: I) Orientações para o corpo e virtudes cristãs; II) Percepções do corpo no tempo e no espaço da civilização.

Todos esses processos metodológicos auxiliaram na organização de ideias e reflexões sobre o tema. Além disso, tais aspectos também colaboraram para a produção de textos, que permitiram realizar inferências, interpretações e expressar novas compreensões decorrentes do trato e das análises textuais, realizadas de acordo com os objetos, hipóteses e em comunhão com a metodologia da pesquisa.

Posto isso, o trabalho dividido em três capítulos, apresenta a seguinte estruturação: No primeiro, denominado *O Império Romano I d.C.*, aborda-se a maneira como estava o Império durante este período histórico. No segundo capítulo, denominado *Ásia Menor e Paulo de Tarso*, buscou-se compreender os desdobramentos dessa região em relação ao Império além de auxiliar na especialmente na compreensão do contexto social e mental em que estava inserido Paulo de Tarso. No terceiro capítulo, *A Educação do Corpo no Cristianismo Primitivo*, é abordado o estudo da educação do corpo nas epístolas paulinas, bem como seus desdobramentos e o novo panorama em relação à maneira de se pensar o corpo.

2. IMPÉRIO ROMANO I D.C

2.1. A Organização

O objetivo deste capítulo, será analisar a maneira como estava estruturado o universo romano conhecido da época. Diante desse aspecto, destaca-se que Roma possui raízes culturais e tradições milenares. Em geral, as características lembradas são o seu mito fundador, de Rômulo e Remo; o povo militar, com apreço aos combates corporais e dominador de outros povos; o povo agrário, orgulhoso por conhecer e produzir em sua própria terra; e também o povo arquiteto, das construções imponentes e dos grandes planejamentos urbanos. Tudo isso, de fato, faz parte do universo romano e de sua história. No entanto, para compreender o primeiro século em Roma, trilhou-se outros caminhos.

Durante o século I d.C., a civilização romana estava organizada institucionalmente como um Império (27 a.C. – 476 d.C.). Nessa instituição, decorrente de outra organização política, o Imperador, figura central de toda a civilização, atua como regente, sendo seu guia material e espiritual, além de ser considerado divino. *Imperator* designa o general-chefe aclamado pelos soldados, que nele saúdam o poder divino gerador de vitória. O Imperador é reconhecido pelo Senado e pelo povo; cidadãos e magistrados prestam juramentos diante dele (GRIMAL, 2009, p.328).

Portanto, a figura imperial ocupa, sobretudo, três grandes esferas da vida civil que são responsáveis pelo desenvolvimento social em Roma. Ele possui e comanda seu Império no âmbito político-administrativo com as obrigações junto ao Senado. No âmbito militar, contribui com o desenvolvimento bélico-militar para a civilização e, no que diz respeito ao sagrado, presta tarefas religiosas para com o povo. Desse modo, em tese, seu governo tende a ser para o povo, para o senado e para o exército.

É importante ressaltar que o século I d.C. se inicia com Augusto (23 a.C. – 14 d.C.) e se estende até Trajano (53 d.C. – 117 d.C.), perpassando por Tibério (42 a.C – 37 d.C.), Calígula (12 d.C. – 41 d.C.), Cláudio (10 a.C. – 54 d.C.), Nero (37 d.C. – 68 d.C.), Tito (9 d.C. – 79 d.C.), Domiciano (51 d.C. – 96 d.C.) e Nerva (30 d.C. – 98 d.C.).

2.2. As Províncias

No primeiro século de nossa era, o Imperador possui em seu *imperium* uma vasta extensão territorial com porções de terras tanto no Ocidente quanto no Oriente. As extensões encontradas geograficamente fora da Península Itálica foram divididas e organizadas em cidades antigas chamadas de províncias, sempre muito heterogêneas, especialmente no que tange a cultura. Essas cidades variam em relação ao número e tamanho devido ao aumento ou diminuição das conquistas.

A palavra “província” significa, em primeiro lugar, missão (administrativa ou militar); depois, designa o território onde se exerce esta missão (GRIMAL, 2009). Portanto, ao conquistar territórios, os romanos obtinham uma província e, posteriormente, eram encarregados de estabelecer seu estatuto jurídico para regulamentar a vida em tal região, essa situação, portanto, ia de encontro aos costumes e culturas que já se encontrava presente antes dos Romanos realizarem sua dominação, assim, por vezes, conflitos existiam. Há de se ressaltar que Roma era o centro do Império nesse momento, e quanto mais vasto fosse o Império maior seria a tarefa do imperador em se fazer presente diante do seu povo.

Nesse sentido, o estatuto jurídico era uma forma de o Império se fazer presente nas províncias, além de demarcar compromisso com o desenvolvimento e uso do latim – língua materna de Roma –, visto que as tratativas jurídico-administrativas, em sua maioria, foram realizadas nessa língua. No entanto, se fazer presente não foi algo fácil, uma vez que cada região continha suas peculiaridades e crenças que não eram tão simples de administrar; por isso, conflitos internos foram frequentes.

Nos tempos de Augusto¹, contabilizaram-se ao todo trinta cidades provinciais antigas e, ao longo dos anos, até o período de Trajano, no qual o Império conheceu sua máxima extensão territorial, contam-se ao menos quarenta e seis. Cada uma delas possuía tamanhos variados, com espaços rurais e urbanos. Em termos de organização, estava sob a tutela administrativa do Império Romano. Nas regiões do Ocidente, os principais cargos político-administrativos eram de romanos, homens de confiança do Imperador. No Oriente, as cidades recebiam mais autonomia, sobretudo as colônias gregas, e contavam com representantes de sua própria região, essa característica pode ter influenciado o fortalecimento de pequenos

¹ A partir de Augusto as províncias foram divididas em Senatoriais e Imperiais. Além disso, as mais afastadas poderiam ser governadas em nome do Imperador por meio de procuradores.

grupos sociais, bem como suas tradições. Ao analisar os poderes ilimitados do Imperador, Alföldy (1989, p.116) menciona que:

Na sua qualidade de detentor do *imperium proconsulare maius*, governava as chamadas províncias senatoriais, em conjunto com os magistrados nomeados pelo Senado, governava as províncias imperiais sozinho, através do seu legado e exercia o comando supremo do exército romano. Para mais, na sua qualidade de garante de bons *mores*, tinha o direito de admitir na ordem equestre as pessoas que lhe parecessem mais adequadas e de nomear << homens novos >> para o Senado, assim como excluir das respectivas ordens cavaleiros ou senadores, além de que todos os cargos superiores da burocracia ou do exército só podiam ser preenchidos com sua aprovação expressa ou tácita”.

Essa situação remonta ao cenário em que o Império estava perpassando naquele momento. A adesão de novos membros em funções político-administrativas importantes não se fazia mais por meio da linhagem sanguínea/bom-nascimento; era para as pessoas mais adequadas segundo aquilo que o Imperador valorizava. Trata-se de uma decisão política baseada em aspectos particulares.

O poeta romano Lucano (39 – 65 d.C.) chegou a reclamar tal situação: *“Roma, populosa pero sin ningún ciudadano propio, sino abarrotada con la hez del mundo, la hemois sometido ai un grado tal de destrucción, que en un conglomerado tan importante no podría ya entablarse una guerra civil”* (Fars, VII, 400-410). Era uma situação nova que, em certo sentido, denunciava a fragmentação do poder de Roma enquanto nação. Os romanos mais conservadores viam nesse aspecto um problema para a civilização. Nessa perspectiva, as províncias orientais contribuem para o entendimento do processo de transformação na civilização antiga, pois, de modo geral, possuíam sua autonomia política e administrativa, e eram governadas por membros de sua própria região.

2.3. Espaços Rurais e Economia

Os espaços rurais foram dedicados quase exclusivamente ao cultivo e à produção agrícola. Em geral se cultivava grãos, como o trigo. Grande parte da população, durante o início do período imperial, trabalhou nos ramos da agricultura, com a aristocracia dominando e investindo nesse setor, sobretudo com a aquisição de terras.

Aos poucos, os romanos avançaram no domínio das ferramentas e serviram-se de novos mecanismos para a melhoria das produções, como, por exemplo, o moinho de água na Palestina na virada do século I (ANDERSON, 2016). Porém a produção entrou em declínio desde meados do século II a.C., com o

cenário de crise em algumas regiões onde a fome se fazia presente. Desse modo, a concentração de riquezas estava distribuída no centro imperial, em Roma e em suas redondezas mais próximas.

As províncias com seus espaços rurais e urbanos, também foram importantes para o desenvolvimento social e econômico do Império, pois delas eram escoados recursos materiais e humanos. No período do principado, foram recrutados para Roma grandes expoentes humanos, como Quintiliano (40 - 118 d.C.) e Sêneca (4 - 65 d.C.), que nasceram respectivamente em Calahorra e Córdova² e foram para Roma desempenhar determinadas funções. O Império era mais receptivo com expoentes romanos mesmo que não tenham nascido em Roma. Esse cenário colabora para compreender o processo de transformação que Roma perpassava. Além disso, demarca o caráter exploratório de Roma com relação às províncias, por isso o Império buscava manter as relações entre ambos da melhor maneira possível.

No tocante a economia imperial, sabe-se que o modo de produção era escravista, com a escravidão como elemento significativo para a constituição e a manutenção da estrutura social vigente (CAVALCANTI, 2016). Nesse momento da história, a escravidão era compreendida como lei natural para que a aristocracia pudesse existir. Os deuses haviam incumbido de produzir essa dissensão entre os que regem e os que servem, tanto que as correntes filosóficas desse período, como o estoicismo e o cristianismo, advogam a abolição de uma liberdade espiritual/interior e não do sistema de produção escravista (ARENS, 1997). Para mais, essa liberdade espiritual também encontra-se presente nos processos de educação do corpo, sobretudo dos primeiros cristãos, pautado no conceito de liberdade apresentado por Cristo e sua relação com o corpo.

De modo geral, os escravos eram obtidos por meio da guerra e provinham de todas as regiões do Império. Joly (2006 p.26) reitera que “[...] na Antigüidade, a escravidão doméstica preponderava, com os escravos sendo responsáveis por todas as tarefas produtivas”, e, nas grandes casas aristocratas, existia um alto grau de hierarquização e especialização de funções (JOLY, 2006).

Durante o principado, as pessoas ou eram consideradas romanas e recebiam o tratamento condizente ao cidadão romano, ou eram qualquer outra coisa totalmente dependente e à mercê do Império. Roma pouco se importava com o

² Porção do Ocidente na qual se localiza atualmente a Espanha. Na Antigüidade, essa região ficou conhecida como Hispânia Tarraconense.

status dos povos dominados; com ressalva aos gregos, que, em certo sentido, ainda eram prestigiados. Ademais, esse descuido para com os outros povos pode ser explicado pelo modo de produção escravista que operava no Império.

Não havia necessidade de se preocupar quando os que eram dominados tornavam-se escravos e eram obrigados a trabalhar para os seus senhores, uma vez que os cidadãos romanos se tornavam senhores desses escravos (DE ASSIS, 2012). Além disso, os escravos no Império Romano eram vulneráveis ao controle físico, coerção e abuso em ambientes públicos (CARNEIRO, 2022). Desse modo, o principado detinha de cada província dominada, principalmente três atributos importantes para “conter a sede de riqueza dos governadores” (ENGELS, 2008): mão de obra barata (escrava) e abundante, cobrança de taxas e impostos e ainda o confisco de bens e terrenos.

O modo de produção escravista em que se desenvolvia o Império, naturalmente afluía desigualdades na civilização antiga. Fome, miséria, abusos e coerção permeiam o cotidiano das províncias dominadas, sobretudo as mais afastadas e pouco estimadas pelo Império. Ao analisar o trabalho e a escravidão na visão do apóstolo Paulo, João Cândido Barbosa (2014, p. 403) enfatiza que “[...] durante o Império Romano, havia uma forte desigualdade originada do sistema escravagista, onde de um lado um grupo pequeno dominava e vivia na riqueza, e de outro lado, a maioria que trabalhava e vivia na pobreza, e, mais ainda, na escravatura”.

Além disso, para o desenvolvimento da economia, eram cobradas taxas e impostos variados. Esses tributos eram cobrados pelos diversos serviços oferecidos à civilização, como a pavimentação das ruas e das estradas ou as construções de aquedutos. Como excelentes administradores, a economia era pedra de toque para o Império, além de fundamental para que o Imperador demonstrasse seu poder e supremacia sobre o povo em todas as instâncias. Na porção oriental do Império, em especial, os judeus, por vezes entravam em conflitos com os publicanos³, enquanto, por outro lado, os cristãos cumpriam com os pagamentos.

Em certo sentido, a urbanização da província era feita com os recursos de seus próprios habitantes e, caso fosse necessário angariar mais fundos, o Imperador poderia auxiliar. Ao longo dos espaços urbanos das províncias, também se

³Os Publicanos eram os profissionais das finanças do Império responsável por realizar as cobranças de taxas e impostos das províncias imperiais.

encontrava a construção de templos religiosos, praças públicas e termas para o povo, que conferiam o caráter de cidade devido à aglomeração de edifícios públicos (ARENS, 1997).

2.4. A Estabilidade: *Pax Romana* e o Império

Os romanos foram habituados aos governos com características especialmente particulares de seus representantes; entretanto, aparentemente, foi somente no período de Augusto que em Roma surge o momento de prosperidade para a civilização. Essa prosperidade era direcionada na maioria das vezes contra ameaças e perigos externos (FRIGHETTO, 2012).

Há um consenso entre os pesquisadores de que tal momento é entendido na História Antiga como início da *Pax Romana*, ou *Pax Augusta*. Para compreender a respeito desse momento de paz, Pedro Funari (2002, p. 89), ao analisar a expansão do Império Romano, evoca as palavras do historiador grego Diodoro da Sicília (90? a.C. - 30 a.C.), que durante o século I a.C. descreve que:

Os romanos, quando decidiram aspirar ao domínio do mundo, conquistaram o império com o valor de suas armas, mas, para seu próprio benefício, trataram com benignidade os povos vencidos. Afastaram-se tanto da crueldade e do espírito de vingança contra os vencidos que pareciam comportar-se não como inimigos, mas como benfeitores e amigos: a uns cederam à cidadania, a outros o direito de matrimônio, a alguns deixaram a autonomia”.

Em certo sentido, o cenário retratado não foi tão pacífico. Grosso modo, o interesse dos romanos nos povos vencidos estava relacionado diretamente à economia, e a união entre vários grupos sociais diferentes por vezes acarretava pequenos conflitos de interesse. É interessante compreender que, de modo geral, os conflitos não ocorriam contra o Império, mas sim entre os povos que conviviam internamente.

A *Pax Romana* ainda permite evidenciar que, em nenhum momento anterior de sua história, a civilização romana havia cessado suas guerras quase completamente e convivido com relativa paz. O principado de Augusto modifica a maneira como os homens se relacionam no interior da civilização antiga, um fator novo que abre caminho para realização de novas atividades culturais e econômicas.

A ideia apresentada por Grimal (2011, p. 128) ao mencionar que “[...] no decurso das guerras civis, Roma perdera muitas de suas tradições” e o fato de que Otávio compreendeu que era preciso dar-lhe outras novas” demonstra que a civilização romana estava passando por um momento de transformação. A *Pax*

Romana reitera justamente essa condição: reduzir os conflitos e os desgastes advindos das guerras e fomentar novas tradições romanas. No entanto, essas novas tradições foram forjadas pela união de vários povos distintos convivendo juntos. A partir do legado que Augusto deixou, compreende-se que, no decurso de seu principado, era preciso assegurar segurança e, sobretudo, paz para o desenvolvimento social, espiritual e material de Roma e assim recuperar suas tradições.

A estabilidade aliada ao declínio das guerras contra o inimigo externo apresenta-se como algo necessário. A ressignificação de uma tradição, na perspectiva do Imperador e em prol do desenvolvimento de Roma, que somente poderia ocorrer em um ambiente estável e seguro. Esse fator configurou as províncias, em especial as orientais – que já gozavam de ligeiro prestígio – desempenho para se organizar. Há de se ressaltar que, para a promoção de um ambiente seguro, a educação do homem deveria considerar tal aspecto, por isso a preocupação com a disciplina do corpo. Nesse sentido, no campo religioso, doutrinas espirituais para além do culto imperial também floresceram, com destaque para o cristianismo, que soube aproveitar esse momento e, aos poucos, se propagar.

2.5. A Instabilidade: *Pax Romana* e Crises

Se por um lado a *Pax Romana* havia solucionado o problema político e financeiro ao promover estabilidade, recursos e ótimas condições para o desenvolvimento do Império, por outro lado, novos problemas aos povos conquistados também surgiram. Os romanos promoveram o direito (romano) e estabeleceram uma dependência financeira ao dominar outros povos. Essa condição foi capaz de alterar as formas de governo dos que foram subjugados, dissolvendo suas tradições, condições políticas e sociais antigas; em especial, substituindo a antiga organização fundamentada nas propriedades (escavidão à parte) pela distinção simples entre cidadãos romanos e peregrinos ou vassalos (ENGELS, 2008).

Para mais, a *Pax Romana* ainda expôs dois lados extremamente opostos e conflitantes da moeda: o lado da elite imperial, com a riqueza concentrada na mão de poucos e permanente exploração dos subjugados; e o lado dos dominados, que sentem a exploração. Vieira (2014, p.31) analisa que “[...] as sociedades que

compunham as províncias dominadas pelo Império Romano, de modo geral, aos olhos de uma crítica mais apurada, tinham toda razão para serem presas de sentimentos pessimistas”. Entretanto, esse pessimismo, para o cristianismo primitivo nascente, serviu como combustível para impulsionar a crença dos primeiros cristãos em um mundo melhor, distante desse em que estava inserido, e, que poderia ser acessado por meio da educação de seus corpos.

Esse cenário de desigualdade econômica e social promove, no seio dos povos dominados, um ligeiro quadro de injustiça e insatisfação; ainda mais porque os romanos, durante o século I d.C, eram extremamente luxuosos. O luxo invadiu a capital do Império, os campos foram transformados, e grupos sociais ascenderam (GUARINELLO, 2014). Paulo de Tarso se vê acuado, o Império era um perigo iminente, uma ameaça, assim ele reconhece que é necessário escapar dessa dominação imperial.

A ideia apresentada por Paulo ainda vai além: ele possui a convicção que Deus, um Deus poderoso, furioso e punitivo, irá destruir e quebrar esse quadro (1Co. 15, 23-24) e que os injustos não herdarão o reino dos céus (1Co. 6, 9). Nessa perspectiva, o domínio injusto do Império incomoda os primeiros cristãos, provavelmente porque esse domínio não permite e nem chega próximo de promover condições materiais ao cristão para ser feliz no ambiente em que se encontra, ou seja, na terra. Devido a isso, há também certo ar de desprezo pela materialidade que paira sob o universo cristão; a falta dela – a materialidade – é geradora de esperança e sua presença não garante nada. Por isso, se faz necessário buscar a vida boa em outro lugar, distante da materialidade; neste caso, no céu. Para tanto, Paulo de Tarso se encarregará de promover uma educação do corpo, pautada na disciplina e com ênfase na promoção dos afetos.

A turbulência política vivida pelo Império, além da decadência moral imperial e as autorreivindicações divinatórias por parte dos imperadores, compreende-se o cenário de notória instabilidade interna (VIEIRA, 2014), torna-se visível o empobrecimento da moral, especialmente nos corpos: desejos, vícios e comportamentos excêntricos da natureza humana eram comuns durante o século I d.C. O presente se apresenta como “insuportável”; e a possibilidade do futuro tranquilo, ameaçada. Para alguns, somente o desespero ou refúgio no prazer sensual comum, pelo menos para aqueles que podiam dispor disto (ENGELS, 2008), era um caminho viável.

Paulo de Tarso captou essa situação e demonstrou sua preocupação com o corpo. A proposta do cristianismo primitivo esperava que o cristão superasse o quadro existente de injustiças e que o homem vencesse os vícios que degradavam o mundo e degeneravam a humanidade (CAVICCHIOLI; PEREIRA MELO, 2005).

2.6. O Homem

A capacidade de incorporar culturas alheias foi uma característica importante da civilização romana antiga. O Império de Roma não teria passado de uma conquista efêmera se tivesse limitado a impor ao mundo, pela força, uma organização política e até mesmo leis (GRIMAL, 2009). Roma absorve as características que mais deseja dos povos conquistados. Tudo aquilo que sobrevive em Roma e, neste caso, especificamente durante o século I d.C., é porque os romanos aceitam. Sua civilização conquista, adere e modifica outras culturas até ganharem sua própria face, até serem romanas, é aquilo que Marrou (1975), na *História da Educação na Antiguidade*, chama de originalidade romana. Mas manter um vasto Império, com muitas culturas distintas convivendo, foi algo complexo.

Posto isso, inicialmente destaca-se uma característica fundamental que estava presente na civilização de Roma daquele período: o fato de os romanos serem povos que subjagam outros povos. Eles dominaram por meio da força militar que desenvolveram ao longo do tempo e depois estenderam esse domínio por meio de um controle principalmente econômico; no entanto, essa situação se modificou no início do século I d.C.

Apesar de serem versados na guerra, desde o fim do principado de Augusto (14 d.C.) até o imperador Nero (68 d.C.), Roma se encontrava em certa estabilização em relação aos conflitos externos. A principal exceção remonta a Cláudio (42 d.C.), que busca retomar a expansão das fronteiras romanas. De certa maneira, a redução dos conflitos no primeiro século não significou a ausência deles. No entanto, o confronto era realizado somente quando necessário, e a proposta plausível parecia ser de que Roma fazia guerra pela paz.

É certo que, nesse período, houve alguns combates marcantes, como o desastre na floresta de Teutoburgo no qual Varo, general do Imperador Augusto, foi derrotado por povos germânicos, liderado pelo chefe germânico da tribo do Queruscos, Armínio, o *Cherusco*. No século 9 d.C, Armínio e tropas aliadas emboscaram e dizimaram algumas legiões romanas na floresta de Teutoburgo. O

mesmo Armínio que outrora servira no exército romano e possuía cidadania romana planejou e executou uma trama contra o próprio Império. Isso demonstra a instabilidade em relação aos problemas internos entre os diversos povos espalhados pelo Império. Somente no último terço do século I d.C., aos poucos e com vigor, voltou à cena essa cultura militar, e os cenários de subjugar outros povos foram intensificados. Em Roma, apesar das aparências, a atividade militar dos imperadores se acentuou sob os Flávios (69 a 96 d.C.) e os Antoninos (96 a 192 d.C.) (LE ROUX, 2009).

Ao reduzir as guerras, agregar/aceitar que povos distintos e permitir a convivência entre eles em seu ambiente, surge outro desafio no Império: como organizar essa população de modo que não haja revoltas contra o seu conquistador? A ideia foi ceder autonomia administrativa, social e religiosa e controlar o setor econômico de cada região conquistada, oferecendo proteção contra conflitos externos. Entretanto, essa autonomia sobretudo religiosa, por vezes, ocasionou divergências internas.

Na perspectiva da aristocracia romana, o homem romano se vê singular em relação aos demais; porém, é confiante de pertencer a um todo universal. Por esse viés, não existe etrusco, germânico ou cartaginês, nem os que prestam culto a Júpiter, Marte ou Minerva. O que existe é o romano, um homem de culto particular e familiar. Entretanto, quando ele age em seu cotidiano, suas ações têm em vista o todo, ou seja, seus atos se destinam ao próprio Império Romano, favorecendo sua sustentação e manutenção.

Ser romano diz respeito, sobretudo, a conviver com o diferente, e essa era uma condição fundamental para os habitantes do Império. Essa característica apresentada pode ser evidenciada com questões relacionadas ao sagrado:

O politeísta devoto, embora afetivamente apegado a seus ritos nacionais, admira, com fé implícita, as diferentes religiões da terra. O medo, a gratidão e a curiosidade, um sonho ou um augúrio, uma perturbação singular ou uma longa viagem, perpetuamente o pré-dispunham a multiplicar os artigos de sua crença ou ampliar sua lista de pretores. (...) O grego, o romano e o bárbaro, ao se encontrar diante de seus respectivos altares, facilmente se persuadiram de que sob diferentes nomes e com diversas cerimônias, adoravam as mesmas deidades. A elegante mitologia de Homero deu forma bela e quase regular ao politeísmo do mundo antigo” (GIBBON, 2021, p. 54-55).

Vários povos e culturas diferentes, no campo ou na cidade, habitavam Roma. Sua população e sua civilização durante o primeiro século puderam ser compreendidas como um mosaico de povos (LE ROUX, 2009). Cada encaixe do

todo romano portava em si sua singularidade existencial, sua crença, sua maneira de ver o mundo e suas preferências; e todos esses homens se relacionavam. No entanto, a convivência não poderia ser harmoniosa, visto que pensamentos divergiam, modos muito diferentes de viver se contrastavam no Império e pequenos conflitos internos ocorreram.

Fustel de Coulanges (2006, p.25), em *A Cidade Antiga*, retrata a tradição greco-romana e nos revela que ainda no século I a.C. estava enraizado, não só nos romanos, mas também nos gregos e hindus, o caráter particular do sagrado, pois “[...] nessa religião primitiva cada deus só podia ser adorado por uma família. A religião era puramente doméstica”.

Se a religião é doméstica, ela pertence à casa e, sobretudo, à aquela família específica que a habita. Dessa maneira, cada um dentro da civilização romana possui sua preferência particular, mas, no fim a somatória de cada preferência, será para que o próprio universo romano exista. Entretanto, o cristianismo nascente coloca em risco essa condição; os cristãos não cultuam em favor da manutenção do Império Romano, eles agem tendo em vista os preceitos de Cristo, como por exemplo, a vida eterna extraterrena. A antiga tradição greco-romana auxilia na percepção de que cada homem faz parte de um todo maior e universal, por isso o que menos importa é o que cada homem cultua. No entanto, para o cristianismo, é essencial saber que o que se cultua é um único deus. O contraste é imenso.

Diferente do cristianismo, no politeísmo greco-romano, o essencial está em seu culto e em cultuar algo, pois assim o todo existirá; o que não é uma preocupação para o cristão. Em ambos, a importância se encontra nas ações dos homens: nos politeístas, para que possam garantir a organização social do todo Romano, do universo e, de certa forma, do mundo antigo; e, nos cristãos, para que encontrem a vida extraterrena. Grosso modo, divergem, porém, na maneira como o homem deve agir, o cristianismo ocupa-se mais em disciplinar o todo social e especialmente o corpo para alcançar seu objetivo fundamental.

2.7. Cristianismo Romano

O momento de estabilidade em Roma e as relações sociais entre os homens propiciaram aos habitantes da civilização antiga a capacidade de ampliar as possibilidades e oportunidades de buscar a melhor maneira possível de viver e conviver em comunidade. Nessa perspectiva, há de se ressaltar que uma religião

durante o século I d.C. cresceu, a princípio, às margens do Império, em províncias afastadas, especialmente do Oriente e, aos poucos, se expandiu pelo território romano.

Dentre as várias religiões e cultos presentes no Império politeísta nesse momento da história, existiam os oficiais, que eram reconhecidos e legitimados pelo Império o qual todos os Romanos deveriam seguir e usufruir, e os não oficiais, com sua maioria advinda do contato com o Oriente, que se instalavam geralmente nas províncias e eram conhecidas como *superstitio*: Enquanto a *religio* era um *ius diuinum*, um corpo de leis estatais que salvaguardavam a *pax deorum* por meio de ritos que não se identificavam diretamente com o indivíduo, o paganismo foi definido como uma fé obsoleta, uma *superstitio* (VENTURINI, 2012).

Essas *superstitiones* eram toleradas pelo Império, provavelmente pela própria característica de conviver com povos e culturas diferentes. No geral, se o culto não fosse tão tenebroso, Roma o permitia. Gibbon (2021, p.58) demarca essa característica dos Romanos ao mencionar que “[...] o espírito sôfrego de Roma sacrificou a vaidade a ambição e julgou mais prudente e mais honroso adotar como seus o mérito e a virtude onde quer que se encontrassem, entre escravos ou forasteiros, inimigos ou bárbaros”. Este aspecto é importante, pois alcança até mesmo a esfera do sagrado.

Das religiões e cultos vindos do Oriente e com estadia no Império durante o século I d.C., poderíamos destacar o culto à deusa Ísis, a Cibele e o culto a um único deus chamado de Deus que possivelmente foi preparado e apresentado por *Crestos*, conhecido por nós como Jesus Cristo. A atenção concentra-se especificamente aos seguidores de Cristo, os cristãos, já que Paulo de Tarso é um de seus mais célebres representantes.

Portanto, como qualquer outra *superstitio*, o movimento do cristianismo aos poucos alcançava os espaços do Império. Os adeptos de Cristo seguiam seus mandamentos e as orientações possuíam cunho moral; isso torna-se relevante, pois a moralidade irá se traduzir em uma educação do corpo. É válido ressaltar que são poucos os relatos de um Jesus ‘histórico’. Entretanto, sob a ótica do Império Romano, a primeira aparição dos seguidores de *Crestos* é sob o governo de Cláudio, aproximadamente entre os anos 40–50 de nossa era. Cláudio havia decretado e então expulsou os judeus de Roma por provocarem distúrbios e confusões em oposição aos cristãos na cidade (At 18, 2):

Já então se falava num certo *Crestos*, cujos sectários teriam provocado agitação em Roma. Cláudio mandou expulsá-los da Cidade, estabelecendo uma diferença entre os Judeus propriamente ditos, que foram autorizados a permanecer, e os que, entre estes, se reclamavam de Crestos (Dión Cássio, LX, 6,6). Foi a primeira aparição do cristianismo no Império”. (GRIMAL, 1993, p.89).

Duas características importantes se originam desse fato. A primeira está relacionada à cronologia das cartas de Paulo de Tarso. Nesse período, ele ainda não havia escrito nem visitado os Romanos e o movimento do cristianismo já se encontrava presente em Roma. Isso significa que os ensinamentos de Jesus, de algum modo, foram conservados e propagados também no Ocidente. Outro aspecto relevante é que a primeira aparição do cristianismo no Império foi motivada por conflitos internos: houve uma dissensão entre duas *superstitios* e, de certa forma, com o judaísmo impulsionando o cristianismo para ser reconhecido como algo independente. A propósito, é bem provável que, por muitas vezes durante o período imperial, o cristianismo tenha sido confundido com o judaísmo por guardar certas semelhanças com a religião judaica e isso ocasionava tensões entre ambos.

No entanto, o fato é que, nesse momento, os problemas foram causados entre judeus e cristãos e não entre as *superstitios* e o Império — muito embora o Imperador tenha sido chamado a agir e intervir na situação. Ademais, essa própria intervenção com o decreto de Cláudio indica que a relação entre os homens, causada pelo desenvolvimento do cristianismo, provocou uma reação do Imperador. Essa *superstitio* presente no Império gerou a própria preocupação com a manutenção da ordem e do todo romano.

Por pressuposto, aquilo que o cristianismo tinha a oferecer, em parte, não era novidade aos romanos. Na civilização antiga, figuras importantes do Império, como Sêneca ou Juvenal⁴, durante o século I d.C., ou Cícero, no século anterior, já reclamavam e levantavam aspectos semelhantes com as questões centrais presentes também no cristianismo; especificamente no que diz respeito à moralidade e ao problema dos vícios, vigente no Império e que o cristianismo, por meio de uma educação do corpo, aliada a uma promessa de vida melhor extraterrena, busca solucionar. Juvenal (1989?, p.26) é quem melhor ilustra esse momento, em suas *Sátiras*, mais especificamente na de número II, ele analisa a civilização vigente:

⁴ *Decimus Iunius Iuvenalis* possui dados biográficos escassos e imprecisos. Acredita-se que tenha nascido por volta de 60 d.C. e sua morte é situada após o ano 130 d.C.

É desta gente desenfreada língua, da mesa desconhecem o respeito, torpe Cibele ali e impuras vozes, reinam somente. Um sacerdote velho hipócrita malvado, um exemplo raro da gula, e vício mestre, ali preside”.

A sátira II, denominada *Os Hipócritas*, é passível de diversas interpretações, porém o objetivo é apenas centrar-se nos aspectos supracitados acima. Posto isso, no entanto, existe diferença para qual público tais ideias eram apresentadas. Juvenal tece críticas para figuras importantes do Império; geralmente, homens que detinham boa instrução, capacidade econômica e também cargos importantes na civilização Romana. Ademais, especificamente nesse trecho, Juvenal ainda critica a própria deusa Cibele⁵. Essa situação é curiosa, pois a crítica é direcionada ao sagrado e demonstra que essa instância não estava mais sendo capaz de desempenhar seu papel dentro da civilização antiga.

Por outro lado, em sua investida universal, o cristianismo buscava expor sobre esses “vícios” para todos da civilização antiga, sejam eles pobres, analfabetos, mulheres, crianças⁶, gregos, judeus ou romanos, bem-nascidos ou não, todos estavam aptos para a emboscada cristã da perfeição do espírito por meio de suas ações no Império Romano. A proposta é universal, eis um dos possíveis motivos para sua expansão.

Outro aspecto importante diz respeito ao modo como o cristianismo fora difundido, especialmente no mundo ocidental. O momento atravessado pela civilização, com os comportamentos de seus homens, ansiava por uma nova *religio*, quem sabe mais atraente e mais condizente com a situação e que pudesse reparar esse cenário. Vasconcellos e Funari (2013, p.31) analisam que “[...] embora em ambiente grego, as pregações, cada vez mais, se voltam para os romanos, no sentido amplo”.

A figura de Paulo de Tarso é importante para a aceitação do cristianismo no Ocidente séculos depois, e algumas características colaboram com este fato. Assim, os espaços percorridos por Paulo durante suas viagens com a finalidade de levar os preceitos de Cristo contribuíram para expansão das fronteiras do cristianismo para além da Ásia Menor.

⁵ Conhecida como Deusa Mãe, sua importância estava relacionada, sobretudo, à natureza, à fertilidade e à proteção. De origem Frígia, seu culto iniciou-se na região da Anatólia, centro-oeste da Ásia Menor.

⁶ No que diz respeito às crianças e à infância, são termos muito amplos. Sua compreensão durante o século I d.C. foi totalmente distinta dos nossos. Richard Sennett (2003, p.124) diz que “Não se batizava crianças nos primeiros tempos da Igreja (...) só estava ao alcance do discernimento de pessoas adultas”. No entanto, utilizamos o termo “criança” tendo em vista que a proposta realmente busca ser universal.

3. ÁSIA MENOR E PAULO DE TARSO

3.1. Paulo de Tarso: Ofício, Origens e Formação

O objetivo deste capítulo será analisar o desenvolvimento do cristianismo nascente, bem como compreender sobre a formação e traços da biografia de Paulo de Tarso. Sob essa ótica, Paulo de Tarso, como a própria referência em seu nome sugere, e, do mesmo modo, como retrata Lucas nos Atos dos Apóstolos (At 22, 3), dizia-se cidadão de Tarso, considerada principal cidade e capital da província da Cilícia durante o período do baixo Império Romano. Entretanto, autoproclamar-se de Tarso necessariamente não implica em confirmar que Paulo nasceu neste local.

Tal aspecto fomenta duas situações: a primeira, apresentada por Jerónimo de Estridão (347- 420), revela que Paulo teria nascido em uma cidade chamada Gíscala, região norte da Galileia, e, posteriormente, se mudado para Tarso; a segunda relata que Paulo de Tarso nasceu em Tarso⁷. Além disso, considera-se que Paulo possuía o direito de cidadão romano por nascimento⁸ (At 22, 25-29). É possível que o apóstolo tenha herdado do pai a cidadania romana, condição que lhe proporcionava determinados privilégios (CAMPOS, 2015).

Em contrapartida, o autor, em suas epístolas, não dá peso à sua condição de cidadão romano, tampouco fala de sua ligação com a cidade de Tarso (FABRIS, 1996). No entanto, cabe ressaltar que o nascimento de Paulo, bem como suas origens, permanece um mistério para a história do conhecimento e que, de fato, o autor teve determinada parte de sua vida ligada a Tarso. Ademais, Paulo de Tarso poderia ser considerado um habitante de quatro “mundos” no universo antigo, como o título da obra do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra sugere: *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, um verdadeiro *kosmopolites* do ponto de vista da experiência religiosa, política e legal (LEÃO, 2012). Não só na região da Ásia Menor, mas esse cenário de pluralismo social é comum no início do Principado, visto que havia uma pluralidade social tanto do ponto de vista econômico quanto do cultural, inclusive religioso (VIEIRA, 2014).

⁷ Essas duas ideias a respeito da origem de Paulo são apresentadas pelo literato Rodrigo Furtado. Ver: Paulo de Tarso: Em torno das Origens. In Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão. 2012. pp. 13-28.

⁸ Rinaldo Fabris analisa que o Paulo de Tarso se exprime muito bem a respeito do direito e dos deveres civis dos homens para com o Império e tal aspecto seria um indício de seu estatuto enquanto cidadão romano. Ver: Para ler Paulo. 1996, p.23.

Contemporâneo de Jesus, a data de nascimento de Paulo de Tarso também permanece uma incógnita. É possível que tenha nascido na primeira década da era cristã; no entanto, não é incomum datá-lo no fim do I a.C. Em geral, tal datação ocorre de acordo com a cronologia dos acontecimentos de sua vida⁹. Será utilizado a cronologia de Fabris (1996, p.17) que, a partir de acontecimentos contemporâneos e utilizando a bíblia como fonte, estabelece uma tabela cronográfico-geográfica da atividade paulina, situando seu nascimento entre os anos 5 e 10 da era comum.

Condenado a morte nos tempos do Imperador Nero, Paulo fora executado em Roma, aproximadamente no ano 67. Antes de sua morte, Paulo frequentou instituições educacionais de Tarso, formando-se no mais fino judaísmo, instruído aos pés de Gamaliel (At. 22, 3); inclusive, seu nome judaico era Saulo. Cabe ressaltar que o judaísmo, durante o primeiro século, não era monolítico. Havia diversas ramificações religiosas/sagradas a serem seguidas, cada uma com sua particularidade, como os fariseus¹⁰, saduceus¹¹ ou os zelotes¹², e, no geral, essas ramificações não conviviam de forma harmoniosa exatamente por divergirem em determinados aspectos de suas crenças. Para mais, nesse cenário plural de culturas presente no Império Romano, é possível atestar que seu desenvolvimento social e cultural se deu no seio de uma família com boa capacidade econômica que lhe rendeu bons estudos durante a juventude.

Em certo sentido, Paulo de Tarso ainda havia desempenhado seu ofício como fazedor de tendas. É provável que, em suas viagens, por onde se estabelecia, ele executasse tal ofício. Abel Pena (2012, p. 38) analisa que “[...] nos dezoito meses que passou em Corinto, Paulo familiariza-se com a cidade e os seus costumes, fazendo-se valer da sua arte de «fazedor de tendas»”. Por isso, não causa estranheza o autor recordar que se esforcem a fim de ter uma vida tranquila, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos como foi ensinado (1Ts. 4, 11-12).

Essa situação também poderia ser advinda de sua tradição familiar. Seu pai, junto a primeira formação religiosa, lhe ensinou também um ofício manual (FABRIS,

⁹ Ver Nuno Simões Rodrigues: Proposta de cronologia da vida de Paulo de Tarso. In Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão. 2012. p. 79. Ou ainda, Ana Paula Goulart: A biografia de Sêneca, de Paulo e a cronologia *das epistulae Senecae ad Paulum aut Pauli ad Senecam*. Idem. p. 161.

¹⁰ Grupo de judeus partidários das questões relativas à observância das leis da *Torah*.

¹¹ Grupo de judeus nos quais seus seguidores eram encabeçados por membros da elite econômica. No geral, foram ricos e letrados.

¹² Grupo de judeus mais radicais em relação aos demais. Eram partidários da luta armada.

1996). Ademais, em suas viagens, para realizar o transporte de grandes volumes durante o século I d.C. era difícil; provavelmente pois, o deslocamento era realizado a pé, o que tornou mais prático transitar com suas próprias ferramentas para trabalhar a matéria-prima na região em troca de carregá-la de forma bruta (cf. MIRANDA, 2016).

3.2. As Primeiras Comunidades Cristãs

O processo de formação das primeiras comunidades cristãs envolve diversos fatores tanto sociais e mentais, quanto econômicos. Vários homens são responsáveis por esse processo, Paulo de Tarso foi um deles. O próprio autor se refere a Tiago, Pedro Cefas e João de Patmos como colunas da *ekklesia* (Gl. 2, 9-10), além de Barnabé, amigo e companheiro durante suas viagens. Também, ressalta-se o casal Priscila e Áquila, importantes cooperadores em Cristo (Rm. 16, 3), e que trabalhavam junto de Paulo de Tarso (cf. MATOS, 2007), sobretudo, em prol da expansão do cristianismo.

Sob esta perspectiva, Paulo foi responsável por difundir os preceitos de Cristo e fundar as pequenas comunidades cristãs nos locais onde visitava. Exemplos residem em Icônio, Listre, Filipos e Tessalônica. A princípio, na região onde se encontrava, Paulo de Tarso procurava por judeus, judeus-cristãos e gentios¹³, sem distinção entre homens e mulheres, a fim de lhes ensinar lições sob os ensinamentos de Jesus.

Essas pequenas comunidades, formada por grupos de pessoas com comportamentos e crenças distintas, sugerem que realizar tal incumbência era complexo. De modo geral, as instruções eram concebidas em reuniões nos domicílios ou aproveitando-se dos espaços destinados aos judeus, nas próprias sinagogas judias, organizados em pequenas células, encontravam-se em recintos fechados, divulgando suas notícias boca a boca, ou pela leitura em voz alta de documentos secretos (SENNETT, 2003). Além disso, Paulo de Tarso também realizava alguns procedimentos comuns aos cristãos, como o batismo (1Co. 1, 14-16), além de curar enfermidades (At. 28, 8).

É importante considerar que Paulo, ao realizar essas ações e propor a expansão do cristianismo nascente por meio dos ensinamentos de Cristo, também propõe uma reorganização das ações dos homens adeptos ao cristianismo, no

¹³ De modo geral, os gentios correspondiam aos povos que não eram adeptos do judaísmo.

século I d.C., e essa formação perpassa também pelo corpo em um processo de disciplinarização.

Paulo de Tarso indica e orienta a respeito dos comportamentos que os cristãos devem realizar se quiserem permanecer nos ensinamentos de Cristo, o concílio de Jerusalém (At. 15, 1-35), que serviu para tratar a questão de seu método missionário entre os pagãos (FABRIS, 1996), exemplifica tal preocupação. Além de ser considerado um marco para o cristianismo nascente, visto que essa é, provavelmente, a primeira reunião entre as primeiras lideranças do movimento cristão, Paulo, Barnabé, Pedro, Tiago, além de Cefas e João. O escrito redigido no concílio de Jerusalém evidencia a preocupação com a ação dos homens cristãos e orienta e recomenda ações a serem ou não realizadas pelos cristãos, o que indica as divergências que as comunidades cristãs possuíam em seu modo de agir.

Nos domínios do sagrado, Paulo de Tarso, como todo homem na antiguidade tardia, não nasceu cristão e tão pouco foi iniciado na fé antes de ser considerado adulto/homem civil; não se batizava crianças nos primeiros tempos da “igreja” (SENNETT, 2003). Portanto, quando jovem, sua educação foi pautada inicialmente no judaísmo de modo que sua conversão ao cristianismo (At. 9) ocorreu aproximadamente por volta do século 45 d.C.

Para Cavicchioli (2005, p.77), tal situação pareceu um tanto quanto embaraçosa: “sua mudança repentina do judaísmo para o cristianismo inquietou tanto aos judeus quanto aos cristãos, a ponto de os primeiros o perseguirem como apóstata, e os segundos demorarem em aceitá-lo”. Desse modo, os grupos defendem cada qual seu ponto de vista sagrado, na medida de até mesmo perseguir/conflitar com outras *religio* que buscavam se estabelecer no Império, eles não eram pacíficos.

Há de se ressaltar que, durante o século I d.C., seguir uma *religio* e se converter a outra era extremamente comum entre os homens da civilização greco-romana. No entanto, depois de convertido, propor essa nova *religio* aos antigos parceiros de religião, em tese, levantaria problemáticas, sobretudo pela lealdade constante dos judeus às tradições de Israel (cf. BROWN, 2009); ainda mais se tal proposta tecesse críticas a anterior. Mesmo assim, Paulo de Tarso começava quase sempre pelos judeus¹⁴ em suas pequenas comunidades, embora com pouco sucesso entre eles.

¹⁴ Ver Ernest Renan: Paulo o 13° Apóstolo, 2003, p.61.

3.3. A *Ekklesia*, Ações e Espaços

A recepção e expansão do cristianismo perpassa também por sua organização. A *ekklesia* emana disso. Nos tempos de Paulo a *ekklesia*¹⁵, termo grego que significa “assembleia” (VASCONCELLOS; FUNARI, 2013, p. 28), poderia ser compreendido como a descrição das pequenas comunidades cristãs que se encontravam espalhadas por todo Império; os destinatários das epístolas de Paulo de Tarso dimensionam a localização de algumas dessas comunidades. A *ekklesia* também era o lugar onde ocorreram as reuniões de comunhão que vieram a existir após a morte e ressurreição de Jesus (DO ESPÍRITO SANTO, 2019). É importante ressaltar que cada pequena comunidade possuía uma espécie de representante/receptor dos escritos que a elas eram enviados. Provavelmente, esses homens eram letrados, visto que, em partes, as mensagens eram transmitidas via carta escrita. Por meio de textos, o cristianismo acenava com o caráter de religião douta (MARROU, 1975), embora tal aspecto tenha acontecido somente nos séculos vindouros e não nesse momento.

Dessa maneira, destaca-se, como exemplo, Tertuliano¹⁶ (160? – 230?), que, no século II d.C., ilustra a exposição acima:

Ele pode então ser apresentado, primeiramente, como intelectual romano e pagão, de espírito muitíssimo curioso, bem formado, falando e escrevendo perfeitamente as duas línguas da grande cultura de então - o grego e o latim -, bom conhecedor das letras, da filosofia estoica e sobretudo do direito romano” (VILELA, 2009).

Desse modo, a ênfase é direcionada apenas aos aspectos relacionados à sua formação, desenvolvido no ramo das letras e oralidade. Por isso, nas pequenas comunidades cristãs do século I d.C., a mensagem chega e é prontamente bem-recebida, o que a permite ser repassada para os demais membros do grupo pertencentes à *ekklesia*. Também, além de ler e escrever de forma concisa, esses representantes necessitavam de boa capacidade para expor e comunicar com clareza aquilo que estava escrito; isso porque, durante o primeiro século, nem todos os cristãos eram letrados. É mais provável que a maioria tenha sido analfabeta.

Por isso, as ideias de Cristo também eram divulgadas e apreendidas por meio da oralidade. Para mais, o corpo também colaborou com esse processo: não era

¹⁵ Vasconcellos e Funari (2013) analisam que *ekklesia* é um termo grego que significa basicamente “assembleia”; e seu plural é *ekklesiai*. Ver: Paulo de Tarso: Um apóstolo para as nações, capítulo 5 – O Semeador de Comunidades, p.28.

¹⁶As informações biográficas sobre o autor Quinto Sétimo Florêncio Tertuliano são reduzidas. Sabe-se que nasceu em Cartago, no norte da África, onde hoje se localiza a região da Tunísia.

preciso ser letrado para saber se comportar na *ekklesia*; antes de tudo, eram necessários um exemplo, uma ação, para ensinar a disciplina do corpo para o cristão.

A própria estrutura da *ekklesia* também auxiliava para que essa recepção ocorresse dentro dos espaços cristãos. Richard Sennett (2003, p. 121), ao analisar a casa cristã, reitera que as mensagens advindas dos seguidores de Cristo que se encontravam em outros locais eram lidas, em geral, durante reuniões e banquetes entre cristãos.

Escrita por São Paulo, a Epístola aos Romanos, estabelecendo os princípios que mais tarde definiriam a estrutura da Igreja, foi lida pela primeira vez durante um *ágape*. Por volta do ano 60, época em que São Pedro também pregava em Roma, Febo levou-a a cada uma das células existentes na capital do Império, dando conhecimento de suas proposições para serem debatidas e discutidas”.

Para o autor, *ágape* era uma espécie de encontro/celebração realizada entre companheiros/irmãos em Cristo, e a célula seria a casa cristã onde essas reuniões ocorriam. É provável que ‘Febo’ seja conhecida como Febe de Cencrécia (? – 57 d.C?), citada por Paulo de Tarso na epístola aos romanos (Rm. 16, 1); mulher que, possivelmente, foi responsável por divulgar essa carta aos cristãos de Roma.

Ainda se referindo aos espaços cristãos, em especial à casa cristã, Sennett (2003, p. 120) analisa que o culto cristão, nos primeiros séculos de sua existência, era “doméstico”. Ao abrigo do teto, sua jornada de fé começava na sala de jantar. Na pequena célula dividia-se a refeição, e durante elas os crentes versavam, rezavam e liam cartas de correligionários residentes em locais diferentes do Império (SENNETT, 2003), e, posteriormente, afirma que “essas reuniões apontavam para a quebra do modelo pagão de sociabilidade”.

Desse modo, ressalta-se um traço de oposição do cristianismo nascente com relação ao paganismo. As práticas, sobretudo as religiosas, dos primeiros cristãos haviam modificado a relação entre os homens durante o primeiro século. A nova *religio* partilhava refeições, observava as escrituras e debatia possibilidades sobre o sagrado; não era realizado como na antiguidade, em que geralmente ocorria um banquete sediado e precedido por um único anfitrião, rico, que buscava satisfazer seus participantes.

Ainda há de salientar que a *ekklesia*, seus membros e sua organização reconheciam a importância do dinheiro para manter a comunidade, independente para qual finalidade fosse usado. O dinheiro era garantidor da autonomia e por meio

dele se materializam ideias, por isso eram cobradas quantias simbólicas aos adeptos da nova *religio*: “Se entre vós semeamos bens espirituais, será, porventura, demasiada exigência colhermos de vossos bens materiais? (...) Não sabeis que os ministros do culto vivem do culto? E que os que servem ao altar participam do altar?”. (1Co. 9, 11-13). Portanto, o cristianismo sobrevive e se fortalece no século I d.C. especialmente pela empreitada missionária que Paulo de Tarso empreende pelo Império. Sob essa ótica, a figura de Paulo de Tarso se apresenta como representante do divino, responsável por enviar os desígnios divinos para cada pequena comunidade, para cada província do único Deus.

3.4. Ações e Dissensões

Paulo de Tarso, no primeiro século, e o panorama geral do Império Romano, com seu *modus operandi* pautado na *Pax Romana*, permitiu situações complexas para os primeiros cristãos. Paulo tão pouco era querido pelos judeus, por mais que eles detivessem maiores propensões a ideias cristãs; judeus ortodoxos, judeus helenistas e não poucos judeus-cristãos, uns e outros, eram-lhe fontes de problemas e perseguições (OLÍMPIO-FERREIRA, 2020). Apesar de agirem contra o cristianismo, talvez por enxergarem as ideias cristãs como uma espécie de desrespeito ao próprio judaísmo, o cristianismo devia uma parte de seu próprio sucesso a esse sucesso do judaísmo (VEYNE, 2011). Grosso modo, há um imaginário comum entre judeus e cristãos, sobretudo no que diz respeito à relação entre homem e Deus.

Rinaldo Fabris (1996, p.15), ao abordar a fuga de Damasco por Paulo de Tarso em que, nos tempos do rei Aretas¹⁷, menciona que havia suspeita de “uma conspiração dos judeus para matarem Paulo”. O relato da conspiração é narrado nos Atos dos Apóstolos (9, 20-25). Em linhas gerais, os judeus estavam confusos com a ação de Paulo de Tarso ao pregar as ideias de Jesus; isso porque Paulo havia perseguido os cristãos em Jerusalém antes de ser convertido e, por isso, haviam tramado e planejado sua morte.

O cenário presente na civilização antiga pressupõe que os conflitos, sobretudo entre judeus e cristãos, possuíam raízes mais profundas. José Luiz Izidoro (2008, p. 73) apresenta alguns desses conflitos presentes no processo de construção identitária do cristianismo primitivo. A presença do cristianismo

¹⁷ Aretas IV Filópatris (9 a.C. – 30 d.C.) foi rei de um antigo povo semítico conhecido como Nabateus.

ameaçava a existência do judaísmo monoteísta, que era fundamentado especialmente na fé em Deus e na obediência às Leis; era um conflito de ideias e modos de viver diferentes que estavam em jogo.

Ocorre que “[...] o significado do *templo* e da *Toráh* foi diretamente colocado em questão. Da fé e obediência à Lei, como foi dado para Israel no Sinai, passa para uma pessoa messiânica, um mediador”. Ademais, já não é *Moisés* e a *Lei* os intermediários entre Deus e a humanidade, mas o *Messias*, o que traz o *novo pacto* (IZIDORO, 2008). Esse aspecto era gravíssimo para os judeus, visto que o cristianismo primitivo havia rompido com um fundamento essencial do judaísmo monoteísta; por isso a busca por exterminar o principal difusor da nova *religio* — Paulo de Tarso.

Outro aspecto relevante reside no cristianismo proposto por Paulo de Tarso e suas ações, que não eram compatíveis com as do também apóstolo Pedro. Eles divergiam sobre um tema essencial na vida do cristão: a fé. Paulo de Tarso chega a declarar ter enfrentado Pedro face a face por sua atitude condenável (Gl, 2: 11-21) em que Pedro havia separado os cristãos não judeus convertidos de cristãos judeus convertidos, diferenciando-os perante o evangelho de Jesus, e essa atitude incomodava Paulo de Tarso. Trata-se de mostrar a incongruência dessa divisão, uma vez que Cristo é um só (DA LUZ, 2022). Sem ainda mencionar que Paulo, ao contrário de Pedro, deixa nítida sua vontade de estar com incircuncisos (GL, 2: 1-10).

Desse modo, mesmo com pouco tempo de existência, nas pequenas comunidades de simpatizantes cristãos – *ekklesia* –, já havia uma cisão entre ideias e interesses distintos: de um lado, Paulo de Tarso e a igualdade dos cristãos, seja não judeu ou judeus perante o evangelho; de outro, Pedro, que diferenciava judeus cristãos de não judeus cristãos, sendo partidário dos primeiros.

De modo semelhante, ao apresentar o cristianismo para os gregos, o problema com a ressurreição de Jesus era evidenciado, tanto que o discurso no Areópago (At. 17: 15-34) foi um fracasso. Para os gregos, ressuscitar era um impeditivo de crença, acreditar num deus de vida, morte e ressurreição, e, portanto, em uma divindade que necessita morrer e ressuscitar, não era compatível com a religião dos gregos e nem com a racionalidade grega; mesmo dentro das *ekklesias* havia dificuldades para aceitar esse aspecto (1Co. 15, 12-19).

Paulo de Tarso e o movimento cristão do século I d.C. não conseguiram instigar os gregos, reclamadores da sabedoria (1Co. 1, 22), e seu incondicional uso da razão e da filosofia, a se converterem ao cristianismo que, por parte deles, fora tratado como uma espécie de loucura. O cenário imperial do primeiro século, resultado da movimentação populacional, principalmente de comerciantes, proporcionado pela helenização, permite a Paulo de Tarso e o cristianismo nascente contatar outras nações. Os gregos, por exemplo, eram outros distintos dos judeus, possuíam comportamentos diferentes, sobretudo no que diz respeito ao sagrado.

Por isso, essa situação permite compreender o momento de transformação social que o Oriente estava passando: o cristianismo nascente se apresentava com alguns elementos diferentes em relação àquilo que estava posto na civilização do século I d.C. Quanto aos romanos, a princípio, sua civilização pareceu mais tolerante ao cristianismo; isso porque algumas das ideias exploradas por Paulo de Tarso, especialmente no que tange a educação do corpo, já foram apresentadas por figuras romanas importantes, como Cícero e Sêneca. No entanto, o clima amistoso no século I d.C. entre cristãos e romanos se esvaiu com o incêndio de Roma (64 d.C.) e algumas das ações de Nero. Entretanto, os romanos aceitaram o cristianismo em seus moldes.

3.5. Escritos Paulinos

Paulo de Tarso provavelmente possui conhecimentos diversificados sobre vários aspectos de cada cultura contatada. De fato, essa característica contribuiu para que suas reflexões, de certa forma, fossem ricas. É importante ressaltar que, no século I d.C., Paulo de Tarso era capaz de “dialogar”, não sem dificuldades, com todas as “faces” desses universos – grego, romano, judeu ou cristão. Decerto, assim como outros homens de seu tempo, ele possuía a capacidade de exprimir argumentos e reflexões por meio da oralidade. Era um homem orador e bom na arte da retórica.

O Império Romano demonstrava o interesse em formar o homem orador, apreciava a qualidade de expressar-se e comunicar-se em público, até porque a formação do homem, em especial o aristocrata, era destinada à participação na vida pública, frequentando fóruns e assembleias, por exemplo. A orientação dada à oratória, no sentido de buscar um setor da vida prática, o exercício do direito, expressou a originalidade romana (MELO, 2008). Para mais, era comum, nos

centros urbanos, encontrar oradores e aproximar-se deles para ouvir suas premissas.

Petrônio¹⁸ (26 – 66 d.C.), logo no início do *Satíricon*, no livro II, ilustra a importância desse aspecto ao tecer críticas à formação dos jovens oradores: “Alimentados com tais tolices, como poderão esses jovens formar seu gosto? Um cozinheiro tem sempre os aromas da cozinha. Ó retóricos, não vos ofendais, mas é de vós que vem a decadência da eloquência!” (II, 2003, p.16). Além disso, aquilo que o cristianismo propõe, como, por exemplo, disciplinar as ações do corpo do homem, ecoavam no Império, uma vez que, para fazer perdurar um ambiente de relativa paz, seria importante educar o corpo e dar-lhe uma finalidade.

Paulo de Tarso, devido a sua formação no judaísmo, considerando sua adesão diante dos mestres farisaicos no início do primeiro século, era, ao menos, trilingue; sabia grego, aramaico e hebraico (FURTADO, 2012), língua de sua origem. Ainda, terá aprendido o latim, já que, dificilmente, um cidadão romano não saberia latim nesse período. O domínio do grego era pautado no grego popular, conhecido como grego Koiné¹⁹. Não podemos esquecer que a língua grega, durante o século I d.C., especialmente no lado oriental do universo antigo, era indispensável.

As relações comerciais, administrativas e nos setores culturais e educacionais, dentro dessas províncias romanas, se deram também em grego. Fabris (1996, p. 32) reitera que os elementos da língua grega em Paulo são singulares e contém traços da “[...] vida urbana, da atividade comercial, da administração, do debate processual dos jogos e concursos esportivos.”. Uma espécie de linguagem coloquial, utilizada com mais frequência em seu dia a dia.

Entretanto, Paulo de Tarso não foi somente importante no âmbito da oralidade. Sua relevância também transparece ao inaugurar uma nova maneira de transmitir o cristianismo por meio da comunicação escrita. Ressalta-se que este meio de comunicação não era de exclusividade do cristianismo. Por toda Roma antiga, a utilização das cartas havia se propagado, mas o cristianismo primitivo o assimilou muito cedo (cf. ULLOA; LOPES, 2016).

¹⁸ *Titus Petronius Arbiter* (26 -66 d.C.) foi importante escritor romano, tendo vivido sobre o principado de Nero.

¹⁹ O grego Koiné também era conhecido como grego comum. Essa língua sofreu uma grande adaptação do grego clássico, recebendo influências de outros dialetos gregos, bem como das línguas estrangeiras dos povos conquistados. Acredita-se que essa foi a língua usada em 300 a.C., até 500 d.C. Ver: Apostila de Grego I, Ricardo Reis. p. 1. Disponível em Monergismo.com.

O aumento da utilização das cartas na antiguidade, sobretudo em Roma, se deve ao surgimento da escrita alfabética, a expansão do uso do papiro como material de escrita, e a prática da arte retórica na Grécia e Roma (DA COSTA, 2014). Ainda é possível realizar uma breve discussão se os escritos de Paulo de Tarso são considerados cartas ou epístolas.

Nesse sentido, Rosana Vito (2019, p. 45) argumenta que: “O conteúdo de uma carta é algo privado, podendo revelar inquietudes pessoais, incertezas e até meditações sobre as exigências da alma, ao passo que a epístola é sempre construída com o intuito de ser publicada”. Desse modo, a carta recebe uma conotação mais particular, é direcionada a um indivíduo e exprime um entendimento particular entre autor e destinatário, enquanto que a epístola se aproxima do discurso público, sendo escrita com um auditório em vista e recorrendo ao cânon retórico para a sua elaboração (ALEXANDRE JÚNIOR, 2015).

Portanto, os escritos de Paulo de Tarso compreendem as duas especificações: cartas e epístolas, pois o autor escreveu a um destinatário pessoal (Filêmon) e também, em outros momentos, discutiu assuntos relacionados à convivência dentro da civilização cristã antiga, utilizando, por vezes, conhecimentos de retórica. Sob essa ótica, Paulo de Tarso foi responsável por escrever cartas a diversos povos antigos, como os tessalonicenses, os coríntios, os galátas e os romanos.

Os escritos, em certo sentido, eram o elo entre a *ekklesia* e o autor. São ao todo sete as epístolas consideradas escritas ou ditadas por Paulo (FABRIS, 1996). São elas: a primeira epístola aos Tessalonicenses; primeira e segunda epístola aos Coríntios; epístola aos Gálatas; epístola aos Romanos. Esse conjunto contendo cinco escritos, Paulo de Tarso aborda traços da educação do corpo, porém ainda há mais duas correspondências de sua autoria: epístola aos Filipenses e a epístola a Filêmon.

A maioria dos escritos versava sobre preceitos fundamentais do cristianismo, apaziguavam e aconselhavam as pequenas comunidades cristãs que ainda se encontravam em construção. Também, tecia orientações a respeito do *modus vivendi* cristão, à qual pertencia a educação do corpo, e ressaltavam-se a importância da conversão aos habitantes da civilização antiga. Todos esses escritos produzidos por Paulo de Tarso e outras escrituras consideradas sagradas serviram

de base para que, no século II d.C., o cânon sagrado do cristianismo fosse estruturado e contasse com as diretrizes necessárias para os cristãos.

As pequenas comunidades cristãs se reuniam em grupos bastante heterogêneos social ou economicamente. O principal exemplo pode ser a *ekklesia* de Corinto. Vasconcellos e Funari (2013, p. 33-34) analisam que “[...] seria difícil, no mundo antigo, pensar numa associação com perfil assim tão diversificado. Ricos numa reunião em que a maioria era de pobres”. O *modus operandi* do Império Romano produziu essas condições ao permitir que vários povos com culturas e tradições diferentes convivessem durante o século I d.C.

Nessa perspectiva, havia alguns personagens ricos, mas os setores sociais onde se desenvolve o cristianismo primitivo eram as camadas inferiores, enquanto que a aristocracia romana só aderiu ao cristianismo por volta do século IV. Assim, é provável que Paulo de Tarso direcione seus escritos para as camadas mais baixas do Império, porém a orientação é geral, de modo que suas epístolas não eram encaminhadas diretamente aos fiéis, mas aos seus líderes, que tinham certos domínios da leitura e escrita.

Esse aspecto não exclui os pobres e escravos do movimento nascente cristão. No entanto, a simples opção por escrever delimita seu espaço. Pobres e escravos são, em sua maioria, analfabetos e iletrados. Portanto, no século I d.C., Paulo de Tarso direcionava seus escritos aos líderes das comunidades cristãs, ricos e pertencentes às camadas “medianamente ricas” para que fossem transmitidos aos demais membros. Isso permitiu ao cristianismo viver e se desenvolver.

Não se constrói um movimento amplo propondo mudanças estruturais significativas na civilização, distante de prestígio social e recursos econômicos. Peter Brown captou que o espírito dessa classe “mediana” é quem permite a organização e a implantação de tal mudança. Somente na fixação de uma vida de grupo conscientemente estruturada, segundo normas muito condescendentes, (cf. BROWN, 2009) é que o cristianismo, nos séculos iniciais, pôde ser efetivo.

3.6. Viagens e a Região

A condição econômica e social de Paulo de Tarso também permitiu que, ao longo de sua vida, viajasse para vários locais diferentes. Apesar de ser considerada uma construção histórica e social, o cristianismo também perpassa pela geografia do universo antigo:

As viagens eram então muito difíceis; as estradas para carros e os próprios carros não existiam ainda. É por esse motivo que a propagação do cristianismo se fez ao longo das costas e dos grandes rios. *Pouzzoles* e *Lião* já contavam com cristãos e ainda uma imensidão de cidades vizinhas não tinham escutado falar de Jesus”. (RENAN, 2003, p.57).

Os lugares buscados e alcançados ficavam posicionados nas encostas, assim o desenvolvimento do cristianismo também se deu por caminhos marítimos (cf. CARVALHO, 2017). No geral, a topografia das cidades costeiras era o ideal, pois o deslocamento por elas era mais fácil de ser efetuado, sobretudo, por viajantes. Cabe salientar que os deslocamentos dos homens no século I d.C. eram realizados por intermédio da navegação e o restante dos trajetos, dentro da região, feitos a pé. Quando Paulo de Tarso começa sua empreitada de divulgação do cristianismo, outras cidades, também costeiras, já possuíam cristãos, como são os casos mencionados de *Lião* e *Pouzzoles*, por isso a busca precisava ser por lugares novos.

Portanto, nesse instante, não há povos “escolhidos por deus”, nem melhores ou piores, acontece que a geografia das cidades costeiras também contribuiu para delimitar os limites do alcance do cristianismo no primeiro século de nossa era. Situações adversas como o caso de Roma e Grécia existiam, mas, de modo geral, a constante era essa.

Ademais, Paulo de Tarso conviveu com várias pessoas e não costumava viajar sozinho, Timóteo de Éfeso, Tito de Creta, Silas e Barnabé foram seus principais companheiros. Herdeiro de um judeu da Diáspora, sempre em busca da sabedoria, Paulo, ele próprio é um viajante infatigável, protótipo do viajante helenístico, percorrendo milhares e milhares de quilômetros (cf. PENA, 2012). Ele viveu em um mundo praticamente sem fronteiras, promovido pelo Império Romano, além de ser considerado grande responsável pela difusão dos ideais de Jesus Cristo por todo Ocidente e Oriente. Em sua primeira carta aos Romanos, ele demonstrou ligeira vocação de viajante e manifestou o interesse em propagar os princípios cristãos às civilizações antigas: “Desejo ardentemente ver-vos, a fim de comunicar-vos alguma graça espiritual, com que sejais confirmados, ou melhor, para encorajar juntamente convosco naquela vossa e minha fé que nos é comum” (Rm. 1, 11-12).

Entretanto, é importante ressaltar que Paulo de Tarso não escolheu ser viajante; circunstâncias fizeram-no se deslocar pelo Império. É possível que a principal delas seja o fato de Paulo de Tarso receber muitas negativas nos locais

onde anunciava Cristo. Os insucessos em desenvolver os ensinamentos de Jesus, sobretudo entre os judeus, fizeram Paulo partir para outras regiões. Além de viajar, Paulo de Tarso adota um tom encorajador e acolhedor.

Por mais que o cenário para os cristãos em Roma fosse complexo, já existia uma forte comunidade cristã em suas periferias, em especial nos guetos judeus (cf. RENAN, 2003). O cenário de transformação que o mundo antigo estava perpassando fica evidente quando, por um lado, o povo romano, apesar de parecer mais tolerante às ideias de Cristo, ainda agia com desconfiança em relação às novidades apresentadas pelo cristianismo; sobretudo, na crença em um único deus, além de repreensões por parte do povo judeu e das autoridades romanas.

Nesse sentido, é possível que Paulo de Tarso possa ser considerado trabalhador na edificação do pensamento cristão. Apesar de agir de acordo com suas convicções políticas, ele acaba por ser um colaborador que contribuiu para a difusão das ideias de Jesus, pois ele enriqueceu o pensar cristão, dando uma nova orientação aos cristãos; além de sistematizar suas ações, em especial no que tange aos comportamentos do corpo.

Sua função era pedagógica e, para ele, não havia complexidade em construir e distribuir as convicções cristãs: “Que os homens nos considerem, pois, como simples operários de Cristo e admiradores dos mistérios de Deus.” (1Co. 4, 1-2). Além disso, Paulo de Tarso detinha um comportamento um tanto quanto altivo: ele mesmo se apresentou como o próprio modelo de homem que quer na civilização antiga (1Co, 11: 1). Portanto, esse exemplo de “simples trabalhador” era considerado seriamente por Paulo de Tarso, tanto que a questão do trabalho é evidente em seus escritos.

Em certo sentido, para conduzir o cristianismo a outros povos antigos em um cenário de pluralismo cultural, social e econômico, tanto as palavras quanto às ações eram valiosas. Se mencionarmos que o pensamento cristão instigou a construção da mentalidade de seus novos adeptos dentre os povos antigos, especialmente no que tange o Ocidente e no Oriente do Império Romano, o corpo também desempenha papel importante em tal processo, especialmente porque essa *religio* permite e precisa de ações práticas, que envolvem mudanças de comportamentos dentro da civilização, para que se concretize.

A difusão das suas ideias permitiu aos homens do século I d.C., pertencentes ao Império Romano, tanto a Ocidente quanto a Oriente, se expressarem e

conviverem de outras maneiras. Em certo sentido, esses aspectos foram fundamentais para modificar costumes, criar novos e aproveitar antigos. Embora humano e, ainda bem que assim foi, isso só seria possível de realizar devido a capacidade de Paulo de Tarso de dialogar com alguns povos da civilização antiga dominados por Roma no século I d.C.

3.7. Tarso e a Helenização

Em Tarso, os estádios eram atrações, sobretudo por conta das corridas prestigiadas no local. O mito de Perseu como herói fundador da cidade ainda se encontrava no imaginário dos povos quando o cristianismo propunha o monoteísmo aos homens. A cidade de Tarso foi anexada em meados do século I a.C. por Pompeu Magno²⁰, mas é possível que as relações diplomáticas entre romanos e tarsenses ocorressem desde o início do século II a.C. No fim do século I a.C., angariar pela cidadania de Tarso não era nada fácil; Atenodoro²¹ havia limitado a cidadania ao estipular como condição para o seu acesso o rendimento de 500 dracmas (cf. DIÓN DE PRUSA, XXXIV, 21-23).

Ademais, é muito provável que a cidade tenha sido constituída por uma colônia de gregos, de tal forma que o principal idioma falado no local era grego e que, nos tempos de Paulo de Tarso, Tarso já se encontrava helenizada. Charles Ferguson Ball nos possibilita dimensionar tal característica ao apresentar traços da materialidade helênica em Tarso:

Havia ali um enorme teatro ao ar livre, construído para acomodar milhares de pessoas, num grande espaço aberto, aos pés de uma encosta, com fileiras e fileiras de bancos de mármore dispostos num largo semicírculo. Peças gregas eram encenadas no palco central, atraindo multidões. Ali também se apresentava a música da moda e liam-se poesias. O teatro ocupava um lugar importante na vida de ricos e pobres” (BALL, 2000, p.7).

No trecho exposto acima, Ball, ao descrever a arquitetura na antiga cidade, nos permite compreender que o local possuía fortes traços da cultura grega, fomentando sua helenização. Em primeiro, registros da arqueologia moderna revelaram que a utilização do mármore pelos gregos em construções públicas²² é datada desde o século IV a.C. Desse modo, a presença do teatro com encenação de

²⁰ *Gnaeus Pompeius Magnus* (106 – 48 a.C.) foi um importante político da história romana, eleito cônsul por três vezes e um dos tripés do Primeiro Triunvirato romano.

²¹ Atenodoro de Tarso (74 a.C. – 7 d.C.) foi importante filósofo adepto ao estoicismo e professor de Otaviano, futuro César Augusto.

²² Ver o artigo publicado por Duarte e Rozestraten (2020): Aspectos do projeto de arquitetura na Grécia Antiga: “Estado da Arte”. Na revista interdisciplinar de humanidades: Veredas.

peças e transmissão de costumes gregos diametralmente era tradicional e importante para os habitantes da cidade.

A transmissão dessas ideias, seja em Tarso ou outras localidades do Império, naturalmente ainda era ligada à tradição oral e concebida, muitas vezes, por meio da oralidade; portanto, encontros em ambientes públicos ou privados determinavam muitas das relações sociais e condutas abordadas entre os homens no século I d.C. A cidade de Tarso havia sido helenizada durante a longa dinastia dos Selêucidas, mantinham como padrão cultural as tradições, a literatura e a língua grega, bem como um sentimento de autonomia profundamente enraizado (PENA, 2012).

O mundo antigo estava em processo de helenização; logo, Paulo de Tarso seguia esse movimento da história. Por esse motivo, é possível que, em Tarso, tenha havido uma espécie de tradição helenística repassada à civilização de modo que tal aspecto também pôde ser evidenciado com a preocupação direcionada à educação/formação dos homens. Inclusive, nesse ambiente, nas fronteiras para além da Palestina, o Judaísmo havia sofrido de diversos modos um processo de helenização (PENNA, 2009).

A capital da Cilícia também era considerada centro intelectual e cultural das civilizações antigas, equiparada em seu desenvolvimento intelectual ao porte de outras cidades historicamente conhecidas e renomadas, como Atenas ou Alexandria. Por rivalizar com tais cidades, é possível destacar que, em Tarso, existiram importantes escolas que desenvolviam a arte da retórica e da oratória. Também não se descartam as inclinações para o estudo de matemática, física, música e ética.

Figuras importantes que contribuíram para a história universal do pensamento vieram a ser de Tarso, como o próprio Antenodoro. Fabris (1996, p.25) destaca que muito disso se deve à figura de Antenodoro e sua “sábria organização”, tornando a cidade um “centro cultural de primeira grandeza”. No que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento grego na época, a principal corrente filosófica encontrada foi o estoicismo. Se, por um lado, não existiam “escolas” de estoicismo, os mestres dessa tradição se faziam presentes em Tarso.

Para o Império de Roma, no século I d.C, o interesse em Tarso era algo objetivo e prático. A aproximação de ambas estava relacionada principalmente a questões econômicas. Os romanos respeitavam a cidade como grande centro social e cultural da região, mas é possível que, se confrontado com questões econômicas,

esse aspecto fosse menos relevante para o Império. Desde o século I a.C., Roma já havia demonstrado interesse em expandir-se para o Oriente, sobretudo para além das fronteiras da Palestina, tendo em vista alcançar a região do Egito e incorporá-lo ao Império.

Para as colônias da Ásia Menor, Roma não passa, para os países gregos, de uma estrangeira (MARROU, 1975). As relações entre província e Império são puramente políticas e econômicas: cada lado tem sua parte que está no acordo, normalmente com vantagem econômica a favor de Roma. Por isso, para os romanos, a cidade também constituía uma considerável rota comercial entre o Ocidente e o Oriente. Tal local poderia ser visto positivamente caso o assunto fosse possuir bom ambiente físico para desenvolver a economia de uma civilização.

Nessa perspectiva, os romanos ofereciam benefícios às províncias, como proteção aos portos e povos, que se beneficiavam da segurança e do desenvolvimento econômico no local. Também, não só de Tarso, mas de todas as outras províncias do Império, era exportada a mão de obra escrava com a finalidade de garantir o funcionamento do sistema escravista.

No entanto, como toda cidade antiga de fronteira, no ambiente não se encontravam somente questões relacionadas à circulação econômica. O previsível fluxo de pessoas nessa grande cidade era contínuo, e cada uma delas portava consigo seus costumes, tradições e disposições únicas. Nesse local, os homens se relacionavam, conviviam e se expressavam. Logo, também era reconhecido o constante fluxo de ideias variadas, o que gerava conflitos internos de interesses.

A população da cidade de Tarso era extremamente heterogênea no século I d.C. Estavam presentes ali povos descendentes dos gregos, romanos e egípcios, além da presença de tribos judias, comerciantes, madeireiros, ferreiros, residentes ou viajantes. Ao abordar a temática do Mediterrâneo e em questões a respeito dos artefatos transportados pelos Romanos, como as cerâmicas, David Abulafia (2014, p. 116-117) auxilia na compreensão dessa agitada cidade, que, em tese, esse seria um dos motivos para as regiões costeiras estarem com amplo povoamento: o escoamento dos alimentos ocorria na costa para serem consumidos:

Artigos como esses podiam penetrar no território por grandes distâncias, embora gêneros alimentícios em grandes quantidades tendessem a ser consumidos no litoral ou arredores, devido à dificuldade e ao custo de transportá-los para o interior, a não ser por via fluvial”.

Além de ser centro do desenvolvimento do pensamento no século I d.C., Tarso ainda oferecia aos seus habitantes boas garantias para se estabelecerem na região, caso necessário. Desse modo, tanto o ambiente quanto sua geografia funcionavam como uma espécie de política de permanência para os recém-chegados à cidade. A presença de rios, como o Cnido, facilitava a produção da vida.

A cidade era local de prestígio por diversas razões, entre elas, a fertilidade de seus recursos naturais (zona quente, irrigada por mananciais de água, própria para o cultivo de trigo, uva, maçã, azeite e linho) (OLÍMPIO-FERREIRA, 2020). Destaque também para a produção de artesanato têxtil que florescia em Tarso, assim como o comércio de perfumes e aromas de alta qualidade (cf. PENA, 2012, p.30). Em suma, apesar das origens de Paulo de Tarso ainda permanecem incertas e, mesmo que não fosse tão simples ser cidadão de Tarso, o próprio Paulo diz ser habitante dessa excêntrica cidade (At. 22, 3).

Para mais, além das estradas construídas pelos imperadores romanos na busca por promover uma conexão e manter o contato entre Roma e as demais províncias da Ásia Menor, incluindo Tarso, havia também um conjunto de relações sociais estabelecidas a partir do convívio e da vida social que, em certo sentido, nortearam o cotidiano e os comportamentos dos homens; grupos sociais muito diferentes conviviam juntos.

A conexão entre a cidade de Tarso e Roma foi realizada por meio dessas relações sociais entre o Império e os povos do Oriente. Há de se destacar o processo de oposição do cristianismo primitivo para com o politeísmo vigente; era um conflito de ideias em relação à esfera do sagrado. Ademais, também é válido ressaltar a maneira como as relações dos homens afetaram o cristianismo nascente.

3.8. Tarso e o Império Romano

Em um panorama geral, as províncias da Ásia Menor, cuja maioria havia sido colônia grega, encontravam-se em condições de desenvolvimento semelhantes perante o Império Romano. Todas eram uma espécie de extensão do Império e, portanto, estavam sob a mesma dominação. Nessas províncias, Roma promovia uma unidade política e econômica durante o século I d.C. As cidades localizadas na costa asiática, como Trôade, Éfeso, Listra ou propriamente Tarso, possuíam melhor

desenvolvimento econômico, provavelmente devido a facilidade de comércio nesses locais.

Ainda cima, algumas províncias eram privilegiadas pelo Império Romano, as mais privilegiadas eram as colônias formadas a partir de veteranos do Exército (ARENS, 1997). Como benefícios obtinham isenção de impostos, ligeira autonomia e, para algumas, seus habitantes recebiam o direito à cidadania romana, como é o caso de Tarso. Por isso, o laço político-econômico entre Roma e as demais províncias da Ásia Menor, incluindo Tarso, era benéfico para ambos.

Por um lado, o Império lucrava com o forte comércio local, além do estabelecimento de rotas econômicas para o escoamento de produtos. Enquanto as cidades detinham seus benefícios, a autonomia das províncias fez emergir conflitos internos nesse ambiente; uma vez que, se não há o domínio pela força militar por parte de Roma, muitas ideias divergem e muitos modos de viver são possíveis dentro dessa localidade. Com relação ao idioma utilizado nessa região, os habitantes das províncias da Ásia Menor falavam ao menos duas línguas: o grego e outro idioma nativo de sua região. O latim também era comum devido às tratativas do Império, além da expressão dessa língua no direito romano.

Ademais, os povos dessa região tendiam a seguir seus próprios costumes e cultuavam divindades próprias, que estabelecia um elo com seus moradores e significava e/ou representava algo importante para o habitante de determinado local. Essa característica fazia parte da autonomia concedida pelo Império para as províncias da Ásia Menor e que contribuiu para conflitos internos; em especial, no âmbito religioso. Também, os romanos eram tolerantes com suas colônias gregas, possivelmente pela admiração que possuíam pela cultura clássica. Sob essa perspectiva, é possível destacar a importante ideia de que o cristianismo fora, em certo sentido, “protegido” pelo véu da admiração dos romanos, ao mesmo tempo em que transformava esse ambiente, posicionando-se em oposição ao politeísmo vigente. O tumulto dos Ourives, em Éfeso, retratado nos Atos dos Apóstolos, dimensiona essa situação:

Por esse tempo, ocorreu um grande alvoroço a respeito do Evangelho. Um ourives chamado Demétrio, que fazia de prata templozinhos de Ártemis, dava muito a ganhar aos artífices. Convocou-os, juntamente com os demais operários do mesmo ramo, e disse: “Conheceis o lucro que nos resulta dessa indústria. Ora, estais vendo e ouvindo que não só Éfeso, mas quase toda Ásia, esse Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, dizendo que não são deuses os ídolos que são feitos por mãos de homens. Daí não somente há perigo de que essa nossa corporação caia em

descrédito, como também que o templo da grande Ártemis seja desconsiderado, e até mesmo seja despojada de sua majestade aquela que toda Ásia e o mundo inteiro adoram”. Estas palavras encheram-nos de ira e puseram-se a gritar: “Viva a Ártemis dos efésios!” A cidade alvoroçou-se e todos correram ao teatro levando consigo Caio e Aristarco, macedônios e companheiros de Paulo (...) Todos gritavam ao mesmo tempo. A assembleia era uma grande confusão e a maioria nem sabia porque se achavam ali reunidos. Então fizeram sair do meio da turba Alexandre, que os judeus empurravam para frente. Alexandre, fazendo sinal com a mão queria dar satisfação ao povo. Mas, quando perceberam que ele era judeu, todos a uma voz gritaram pelo espaço de quase duas horas: “Viva a Ártemis dos efésios!”. Então o escrivão da cidade (veio) para apaziguar a multidão e disse: “Efésios, que homem há que não saiba que a cidade de Éfeso cultua a grande Ártemis, e que sua estátua caiu dos céus? Se isso é incontestável, convém que vos sossegueis e nada façais inconsideradamente. Estes homens, que aqui trouxestes, não são sacrílegos nem blasfemadores da vossa deusa. Mas, se Demétrio e os outros artifices têm alguma queixa contra alguém, os tribunais estão abertos e aí estão os magistrados: institua-se um processo contra eles. Se tendes reclamação a fazer, a assembleia legal decidirá. Do que se deu hoje, até corremos risco de sermos acusados de rebelião, porque não há motivo algum que nos permita”. Essas palavras, dissolveu-se a aglomeração”. (At. 19, 23-41).

O trecho narrado nos Atos se refere a um “grande alvoroço” causado entre alguns cristãos e outros não cristãos em Éfeso. O incidente ocorrido nesta cidade é um dos episódios que compõem a terceira viagem de Paulo, que deve ter se dado durante o Principado de Cláudio entre 47 e 54 d.C. (GRILLO; FUNARI, 2016). Essa cidade da Ásia durante o período imperial, era reconhecida por cultuar a deusa Ártemis, muito popular na região. No que tange ao domínio do sagrado, a adoração dessa divindade contribui para o desenvolvimento do comércio local, uma vez que os comerciantes das lojas atuavam com vendas de estátuas de deuses, produzindo artefatos para serem comercializados em Éfeso.

Viajantes ou residentes poderiam adquirir o objeto sagrado e ser agraciado com a proteção/bênção da divindade. Esse era um aspecto relevante para um politeísta devoto na Ásia Menor. Por isso, Demétrio e outros “operários” que executavam funções de ourives ou semelhantes enfrentam um dilema proporcionado pelo nascimento do cristianismo: o questionamento a respeito de sua crença, que, em determinada proporção, era um ataque aos domínios do sagrado.

Mais especificamente, trata-se de um ataque à prática de produzir ídolos, fundamentado na ideia oposta de que Deus, enquanto ser divino, não poderia ser criado pelo homem por mãos humanas. Além disso, o relato configura o incidente como um conflito entre três movimentos religiosos: o Caminho, os judeus e o culto de Ártemis”, sendo que o “caminho” representa o grupo cristão e o seu ensinamento (GRILLO; FUNARI, 2016).

Portanto, destaca-se que as relações sociais entre cristãos e não cristãos nos permitem compreender a mudança de comportamento que o cristianismo produziu; sobretudo na região da Ásia Menor durante o século I d.C. Existiram mudanças de comportamento dos cristãos em relação aos politeístas, neste caso, mais especificamente se referindo à classe dos ourives, conhecidos por manusear, executar e vender seus objetos de prata na cidade de Éfeso.

Ao passo que o cristianismo se desenvolvia, situações comuns da vida cotidiana iriam se alterando, ideias divergiam e conflitos surgiam; o tumulto citado anteriormente é um exemplo. A vida dos ourives em Éfeso é pautada na produção de artefatos de prata para a deusa Ártemis, que, por sinal, era muito cultuada nesta região. Se Ártemis deixasse de existir, ou melhor, perdesse sua popularidade e/ou importância, os ourives também estariam sujeitos e expostos aos mesmos riscos.

O monoteísmo cristão afetou a condição social e existencial da população dos não cristãos da Ásia Menor. Ademais, constata-se que a maneira como os representantes do Império geriram algumas províncias dessa região abriram precedentes para que o cristianismo se desenvolvesse sem a necessidade de grandes revoltas populares. O comportamento do escrivão de Éfeso evidencia esse aspecto ao preocupar-se mais com a incontestável certeza a respeito da crença em Ártemis, e, com a execução e os procedimentos das leis imperiais do que em relação ao fato de que o movimento cristão poderia transformar a civilização romana antiga por meio de pequenos conflitos internos.

Evidente que o cristianismo convivia com problemas, sobretudo com os judeus, e por vezes também com não judeus. Entretanto, com os imperadores e autoridades romanas responsáveis por gerir as províncias, as relações eram relativamente estáveis. O cristianismo nascente não afronta o Império Romano em sua estrutura ou segmentos econômicos; pelo contrário, ele inicia um processo de revolução espiritual (BROWN, 1989) e se ocupa de realizar ações que Roma valorizava.

A principal colaboração dos cristãos era com relação às contribuições financeiras e às taxas requisitadas pela política imperial; por isso, Paulo de Tarso orientava seu público a pagar a cada um aquilo que lhe competia (Rm. 13, 6). A investida do cristianismo ao Império ocorre, em especial, à figura do imperador enquanto ser divino e não para aquilo que ele poderia fazer/promover para a civilização antiga.

O cristianismo nascente, especialmente na região da Ásia Menor, ao promover condições para modificação de costumes/comportamentos dos homens durante o século I d.C., permite compreender que as cidades de Tarso e Roma foram conectadas por relações sociais a partir das transformações geradas pelos homens. Nesse caso, a crença monoteísta cristã atua em oposição à crença politeísta do Oriente. Além disso, tal aspecto evidencia que os homens compartilharam e usufruíram da circulação de um fluxo de ideias advindas tanto do oriente quanto do ocidente. Também, contido neste fluxo de ideias, estavam presentes as premissas do cristianismo nascente. Em partes, tal processo esteve atrelado à helenização das civilizações antigas²³, no estrito sentido de que o helenismo se refere à difusão da cultura da Grécia para os povos não gregos.

Alex Degan (2014, p.25) ao abordar a temática do Império Romano e a cultura escrita helenística, destaca que o “[...] ambiente cultural, político e econômico possibilitado pelo Império Romano formulou uma espécie de ‘micro-globalização’, ou melhor, acentuou os contatos e os intercâmbios de bens, pensamentos e pessoas entre as civilizações que margeavam o Mediterrâneo”. Isso reforça o cenário de uma possível conexão entre Roma e Tarso.

Esse “intercâmbio” é considerado como “livre” e o autor ainda afirma ter “ocorrido em todo império”. Além disso, ele enfatiza que a situação política foi, com efeito, bastante estável, sem grandes perturbações políticas (ou militares) durante o século I d.C. (ARENS, 1997). Desse modo, a afirmação encontra eco na *Pax Romana*, ainda sentida durante esse período.

O momento “estável” estendido pelo Império e sentido na Ásia Menor, também contribuiu para o desenvolvimento do cristianismo nascente, mesmo que enfrentasse e convivesse com conflitos internos. A ideia expressa e apresentada pelo cristianismo reside no fato do cristão ter a capacidade de vivenciar os ensinamentos de Cristo, sem ocasionar grandes problemas políticos ou militares; sobretudo porque as ações de seu corpo devem ser controladas e disciplinadas por meio da educação proposta por Paulo.

Em tese, isso ocorre, pois o cristianismo é uma religião silenciosa, em que a conquista do cristão não é por meio da “força bruta” em oposição a Roma e/ou aos

²³A esse respeito, foram exploradas obras modernas como as de Droysen, Jouguet ou Momigliano. Ver: Construindo a Helenização: Interações culturais entre Greco-macedônios e autóctones nas obras de Droysen, Jouguet e Momigliano, Biazotto, 2013.

romanos; ele orienta para modificação das ações e costumes. Por isso, é possível compreender que o cristianismo pode se manifestar em um ambiente relativamente de *pax* em relação ao Império.

Os primeiros cristãos não propuseram uma revolução estrutural no *modus operandi* da Roma antiga, ele se preocupou com outros aspectos, como a disciplinarização dos homens perante o divino: “Já não há mais judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo” (Gl. 3,28)²⁴. De fato, esse aspecto contribuiu para o caráter pacífico da civilização cristã em relação à maioria dos atos realizados pelos imperadores. Seus corpos foram educados para, assim, se comportarem. No entanto, há ao menos uma ressalva: o monoteísmo cristão.

O monoteísmo cristão retira o caráter divino do Imperador. Entre os cristãos, e, somente como divindade, o monoteísmo o afronta e reduz seu poder e prestígio, mesmo que de maneira simbólica. Os cristãos, em seu próprio culto, não mantinham rituais sacrificiais e se recusaram a fazer qualquer tipo de homenagem ao imperador e, por isso, se tornavam alvo das denúncias dos provinciais e, conseqüentemente, da punição das autoridades romanas (SELVATICI, 2015). Ademais, Paulo enfatiza de modo inequívoco e, de certo modo provocativo, a unicidade de Deus e sua exclusividade de culto, criando, de certa forma, um problema com o Império ao privar o culto ao Imperador de seu sentido original (ROSSI; BRANDT, 2018).

Nessa perspectiva, compreende-se que, durante o século I d.C., a relação entre os cristãos junto de seus comportamentos e práticas, aos poucos modificaram o Império, que precisava intervir e interferir em situações envolvendo seguidores de Cristo, que agiam em oposição ao próprio Império. Mesmo em oposição, a afronta era pacífica, pois o corpo não era forçado e nem forte fisicamente para combater e atacar o Império; suas ações são disciplinadas e contidas para que alcancem uma vida futura e não terrena.

Desde que esteve sob o domínio romano, os habitantes da região da Ásia Menor eram habituados a praticar cultos aos governantes para pedir ou retribuir benesses (cf. SELVATICI, 2015). O interesse em cultuar a figura de representantes políticos era tradicional nas cidades dessa região e popularizou-se ainda mais com Augusto, tanto que a Ásia e a Bitínia foram as primeiras províncias a pedirem

²⁴ Ver também: Romanos 2, 11.

permissão a ele para a realização do culto à sua pessoa (SELVATICI apud PRICE, 1984).

Portanto, o cenário político-religioso da Ásia Menor afetava o cristão que, por sua vez, deveria promover a renúncia da antiga *religio* greco-romana, por mais que os cultos fossem populares — mesmo que isso fosse contra o Imperador, que recebesse punições corporais ou até que lhe custasse a vida. O monoteísmo cristão refuta o culto imperial e indica o processo de transformação que principalmente o Oriente estava passando naquele momento.

A princípio, é pouco provável que a aristocracia romana considerasse o movimento dos cristãos como algo perigoso para a manutenção do Império durante o século I d.C. Ao analisar a condição social do Alto Império, três fatores importantes conferiam à aristocracia romana o caráter de superioridade nas instâncias sociais: poder, prestígio e riqueza (ALFÖLDY, 1989). Para que essas três instâncias se desenvolvessem, o sistema de produção escravista era importante. O Império estava repleto de escravos das mais variadas características: ricos, pobres, livres, libertos etc.

O trabalho escravo se tornava uma característica padrão nas mais diferentes áreas do Império Romano (CAVALCANTTI, 2016). Fábio Joly (2006, p. 53), ao analisar o principado de Nero, revela algumas funções dos escravos no Império: “Já nas cidades o serviço doméstico era todo realizado por escravos e, nas grandes casas aristocráticas, existia um alto grau de hierarquização e especialização de funções”. Esse aspecto talvez fosse possível porque em Roma se produzia pouco. De produtos alimentícios a artefatos para o cotidiano, a produção era pequena e muitos artigos eram importados de regiões distantes para Roma. Abulafia (2014, p. 112) retrata um cenário imprudente que acontecia no Império Romano desde o século I a.C.:

Cativos de Cartago e Corinto podiam ser levados a trabalhar nos campos, tendo de suportar uma dura existência longe de casa, ignorando o destino de suas esposas e filhos. Cativos ibéricos eram postos para trabalhar nas minas de prata do sul da Espanha, em condições indescritíveis. Mas aqueles capazes de demonstrar seus talentos podiam servir como tutores gregos em alguma família nobre, ou como agentes comerciais para seu senhor, até mesmo viajando no além-mar para realizar negócios (a despeito do risco de possivelmente desaparecer nos antros de Alexandria).”

O momento descrito atesta o retrato de que muitos povos diferentes, que agiam de maneiras diferentes e se comportavam de modo diferente, foram postos para conviver em conjunto, com suas singularidades desconsideradas. Além de

enfrentarem condições complexas, esse cenário era extremamente propenso a crises e revoltas internas. Por isso, foi necessário que a ordem posta durante o Principado fosse do Imperador que provia aos desprovidos, como alimento, segurança e encargos, enquanto os súbditos se comprometeram, em troca, não só a prestar-lhes culto, mas a prestar-lhe um juramento de fidelidade (ALFÖLDY, 1989). Nesse cenário, para o cristianismo, o poder e a riqueza possivelmente sobreleva o prestígio imperial, ou o nível de prestígio poderia se encontrar tão estimado por parte do Império que o desenvolvimento do cristianismo a esse fator surtiria efeitos mínimos.

Outra situação é possível que seja mais provável: o Império encontrava-se em alta no século I d.C. com vasta extensão territorial, boa capacidade econômica concentrada na mão de poucos e, relativamente, com as fronteiras seguras. Enquanto os cristãos, por vezes, nem eram identificados e frequentemente eram confundidos com judeus por conta de seus costumes. Além disso, pagavam impostos, taxas e contribuições e viviam às margens do Império.

O comportamento que irritava todos os setores dominantes do Império Romano era relacionado ao culto imperial. Portanto, nesse momento o cristianismo se encontra em oposição com relação à cultura greco-romana do mundo antigo, em especial no âmbito do sagrado. Nesse processo de oposição, eles encontraram na educação, em especial do corpo, uma forma de projetar uma nova maneira de compreender, viver e se relacionar no ambiente em que estavam inseridos.

4. A EDUCAÇÃO DO CORPO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

4.1. O Corpo, a Transformação e a Vida Eterna

O objetivo deste capítulo será analisar a proposta de educação apresentada por Paulo de Tarso, no nascimento do cristianismo. Isto posto, em um cenário em que se buscavam novas orientações para a educação do corpo, consideram-se as dificuldades enfrentadas que contribuíram para a efetivação desse processo formador e até mesmo da doutrina, visto não contarem com locais específicos ou escolas que atendessem as crianças, apesar disso Paulo de Tarso propõe orientações aos primeiros cristãos com relação à educação do corpo.

Em primeiro momento, ao se dirigir aos Romanos (Rm. 1, 25-32), é possível compreender que Paulo apresenta um cenário provavelmente típico nas comunidades cristãs de Roma em que a maneira como o corpo estava sendo utilizado dificultava a realização da transformação do homem cristão na busca da morada eterna. Havia injustiça, maldade, ambição, matança, discórdia, dentre outros, e tudo porque os cristãos “não discerniram ter Deus no conhecimento”. (Rm. 1, 28). Essa característica da importância de conhecer Deus, torna-se pertinente no cristianismo nascente. Em outro momento, antes de se dirigir aos Romanos, Paulo de Tarso foi a Atenas, no Areópago, reclamou tal situação ao se apresentar e exortar a respeito da importância de conhecer o Deus, até então desconhecido pelos helênicos (cf. OLIVEIRA, 2017). Provavelmente, a relevância é enfatizada, pois ao conhecer Deus, o cristão se torna integrante em todos os aspectos e diretrizes da doutrina, inclusive poderia até mesmo justificar questões a respeito da ressurreição do corpo (cf. MAZZAROLO, 2021), que como referido anteriormente, era difícil de ser aceita no mundo helênico.

De maneira geral, o cristão seguia em busca da vida eterna, sobretudo, pois, a eternidade era seu lugar. Assim, eles não pertenciam a cidade, seu reinado era nos céus. No entanto, nesse caminho, muitas vezes, o cristão esbarra nos comportamentos de seu próprio corpo que o impedem de prosseguir. Por isso, as exortações dos líderes cristãos, no cristianismo primitivo, apontava para a necessidade da prática da vida cristã para serem dignos dessa condição especial (cf. PEREIRA MELO, 2001). Desse modo, o cristão, enquanto conhecedor de Deus

e dos ensinamentos de Cristo, deveria praticar e utilizar seu corpo em auxílio da conquista da vida extraterrena, educando-o de acordo com as virtudes cristãs.

A princípio, a proposta de Paulo de Tarso é para que os cristãos primitivos aprendam por meio de seus corpos. Por isso ele demonstra algumas situações, envolvendo o corpo, consideradas incoerentes com a proposta do cristianismo, mas que servem como modelo educacional, como por exemplo, o uso não natural do corpo no que diz respeito a relações com pessoas do mesmo sexo, seja homem ou mulher. Para o cristão, essa maneira de utilizar o corpo não era virtuosa. No tocante a essa situação, é possível que Paulo tenha se inspirado nos judeus, sendo motivado por sua tradição farisaica, em que os fariseus se encontram instigados pelo rigor da conservação e observância da lei Judaica (cf. BARATA, 2022). Ao passo que noções a respeito do uso não natural do corpo, também são encontradas no Antigo Testamento (Lv. 18, 22).

Nesse sentido, para Paulo a relevância em advertir contra esse aspecto remonta ao momento de banalização que o corpo perpassou durante o século I d.C. Na perspectiva paulina, o corpo precisa operar de um modo diferente do que a civilização apresentava naquele momento, ele precisa transmitir a doutrina de Cristo e dar testemunho da vivência cristã (cf. PEREIRA MELO, 2001). Assim, espera-se que por meio das ações e comportamentos do corpo, durante a vivência cristã, o cristão possa dar testemunho e ser referência para a educação do homem. É válido ressaltar, que enquanto capaz de aprender e ensinar, o corpo possui ações aceitáveis e/ou compatíveis com as ideias apresentadas pelo cristianismo nascente e, aquilo que não era aceitável precisa ser podado, modificado e, em especial, disciplinado.

À vista disso, o principal fundamento da vida após a morte no cristianismo primitivo perpassa pela morte e ressurreição do homem. Esses dois conceitos encontram-se atrelados ao corpo. Paulo de Tarso, no entanto, apresenta esse processo como diferente da tradição helênica presente no I d.C. A ressurreição dos mortos, tese paulina que escandalizou Atenas, implica no retorno também do corpo à vida (VASCONCELOS, 2019), isso revela a nova percepção que o cristianismo apresenta com relação ao corpo.

Nesse momento, se o corpo é capaz de retornar após a morte, o comportamento do cristão primitivo, sobretudo nesse tipo de situação, apresenta-se como problema. Seu pensamento acerca da ressurreição se distancia da ideia

platônica de que o corpo estava destinado à destruição (SOARES, 2009). Portanto, ao opor a cultura helênica, Paulo demonstra que o corpo compreendido em sua totalidade pode auxiliar nesse processo. Assim, o corpo não morre totalmente, ele não é destruído, ele ressuscita e, por isso, carece de ser devidamente educado de acordo com as virtudes cristãs.

Por conseguinte, é também por meio do corpo que se torna possível perceber que algo não estava em ordem no universo cristão:

Por isso Deus entregou-os, nos desejos dos seus corações, à impureza de desonrarem em si próprios os seus próprios corpos. Foram eles que transformaram a verdade de Deus na mentira e que veneraram e prestaram culto à Criação para lá do Criador, Ele que é bendito até à eternidade, amém. Foi por isso que Deus os entregou às paixões da desonra: as fêmeas deles trocaram o uso natural [do corpo] por um que está para lá da natureza; e do mesmo modo também os machos, rejeitando o uso natural da fêmea, abrasaram-se no desejo de uns pelos outros, machos nos machos praticando o indecoro e recebendo em si mesmos a recompensa que era devida do seu equívoco. E como não discerniram ter Deus no conhecimento, Deus entregou-os a uma inteligência sem discernimento, para fazerem coisas indecentes, cheios de toda a injustiça, iniquidade, ambição, maldade; cheios de inveja, matança, discórdia, falsidade, malícia; são difamadores, maldizentes, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, fanfarrões, inventores do mal, desobedientes aos pais, desprovidos de inteligência, desleais, incapazes de amar, incapazes de sentir misericórdia. Estes, conhecendo o veredicto de Deus — de que são merecedores de morte os que praticam essas coisas — não só as fazem como até aprovam os que as praticam” (Rm. 1, 25-32).

Nessa exortação, Paulo destacou ao menos vinte situações consideradas inaceitáveis aos seguidores da doutrina de Cristo, especialmente por não serem virtuosas aos cristãos. Se para João de Patmos, também apóstolo, a casa é o lugar onde se alicerça a educação, solidificam-se os princípios morais e se exercitam as virtudes (MAZZAROLO, 2005), para Paulo o próprio corpo era capaz, por meio de seus comportamentos e ações, de ser instrumento de solidez moral e espaço para exercitar virtudes, eis o templo do Senhor (1Co. 6, 19-20).

Desse modo, do “corpo templo do Senhor”, não deveria emanar situações que, por vezes, parecem ser incompreensíveis para Paulo de Tarso, sendo inadmissíveis e dignas de morte para quem as pratica, como por exemplo, a maldade e a malícia, além da incapacidade de amar ou sentir misericórdia. É importante ressaltar que Paulo não pregava isto, apenas advertia aos primeiros cristãos. Para mais, outras situações também são apresentadas por Paulo de Tarso e que, em sua maioria, prejudicam o convívio entre membros da *ekklesia*, como a arrogância, desobediência ou a matança. A partir de um corpo não educado, infelizmente para Paulo, tratava-se de algo comum e naturalizado entre os cristãos

de Roma, se percebe a dimensão da compreensão do corpo em seu aspecto social, especialmente como um modelo de cooperação e inter-relações humanas (cf. OLIVEIRA, 2004).

Para mais, o cristianismo nascente ainda sugere ser necessário realizar certas modificações de comportamento em favor de seu próprio desenvolvimento: “O que diremos, então? Que continuemos no erro, para que a graça abunde? De forma alguma!” (Rm. 6, 1-2). Por não ser possível ou inviável permanecer no erro, o cristão precisa educar seu corpo. Assim, torna-se necessário obter um controle extremo sobre seu corpo, dominando seus desejos, suas paixões e suas inclinações naturais, sobretudo, porque no corpo do homem estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica (DAOLIO, 1995), dessa maneira, durante o I d.C, no cristianismo primitivo Paulo exorta quais virtudes e normas o homem deve conhecer e executar para ser considerado cristão.

4.2. A Impureza e o Corpo

Uma das virtudes presentes no cristianismo nascente reside na pureza do homem, “pois Deus não nos chamou à impureza, mas à santidade” (Tl. 4, 7). Em sentido restrito, o valor do “puro” é notado quando Paulo de Tarso concebe a alguns comportamentos do corpo sua perspectiva inversa, de impureza. A impureza (*akatharsía*) é característica do corpus paulino (LOURENÇO, 2017), e recebe o sentido de impuro, idólatra ou demoníaco. Ser impuro significa estar contaminado por qualquer impureza física, ritual ou moral (PFEIFFER; VOS; REA; 2007).

Na tradição paulina há uma ambiguidade de pensamento com relação à pureza e corpo; o homem é impuro pelo seu corpo, mas também pode ser puro/sagrado por meio dele. Semelhantemente, no Antigo Testamento, mais especificamente em Levíticos, a pureza era entendida como algo capaz de propiciar o discernimento popular dos limites entre o que seja sagrado e o que seja profano (CARDOSO, 2001). Assim, nesse balanço, aquilo que é puro remete ao sagrado e recebe conotação positiva, enquanto que o impuro remete a algo não sagrado e possui conotação negativa. Logo, os esforços devem ser direcionados para promover a formação de um corpo puro, distante de possíveis contaminações que prejudiquem o desenvolvimento de comportamentos sagrados.

Dessa forma, o corpo do cristão, quando não educado, é capaz de ser corrompido, indecente, imoral e distanciar-se de Deus. Para Paulo de Tarso, há uma

visão do corpo como algo frágil, capaz de ser dominado pelo erro (cf. Rm. 7, 14). Justamente por ser humano e possuir impulsos corporais, essa fragilidade se percebe, sobretudo, em relação aos próprios desejos do corpo, que podem, por muitas vezes, serem impuros aos cristãos primitivos; o que torna o corpo do cristão muito vulnerável e sujeito a tribulações.

De certa forma, a vulnerabilidade e a sujeição a tribulações ocasionadas pelo corpo, não são considerados um aspecto pejorativo. Durante o processo de educação do corpo, analisa-se que a tribulação também leva aos céus. A própria tradição paulina conservada nas epístolas reflete a imagem de Paulo apóstolo, que enfrenta com força excepcional o desconforto e as provações (FABRIS, 1996). A ideia concebida do corpo como algo frágil, parte da perspectiva de que o corpo do homem, seja judeu, grego, romano ou cristão, é inclinado a desejar, e por vezes esses desejos não são condizentes com os ensinamentos de Cristo ou contra o próprio posicionamento de Paulo.

Ademais, analisa-se ainda uma finalidade pedagógica do corpo na qual por intermédio dele se observa, aprende e ensina aspectos relacionados à pureza e impureza, ao sagrado ou não sagrado. Em certo sentido, Paulo de Tarso apresenta um fato que precisa ser superado e vencido pelos primeiros cristãos; o corpo não pode vencer a mente, pois ele é compreendido como uno e o único capaz de auxiliar nesse processo é Cristo. É importante ressaltar que na tradição paulina, o corpo deve, antes de tudo, ser compreendido em sua totalidade, a partir de sua concepção da natureza humana pela dimensão tripartite (corpo, alma e espírito) que estabelece certa originalidade à antropologia cristã (cf. VASCONCELOS, 2019).

“Pois me regozijo com a lei de Deus em conformidade com a pessoa que sou interiormente, mas vejo outra lei nos meus membros, guerreando contra a lei da minha mente e me fazendo cativo na lei do erro que está nos meus membros. Desgraçado homem que eu sou! Quem me resgatará deste corpo da morte? Graça[s] a Deus, através de Jesus Cristo, Nosso Senhor. Por conseguinte: eu próprio com a mente sirvo como escravo uma lei de Deus, mas com a carne [sirvo] uma lei de erro” (Rm. 7, 15-25).

Sob essa ótica, somente Deus é suficientemente capaz de fazer o homem vencer a guerra presente em seu interior, vencer seu próprio corpo e alinhar-se moral e espiritualmente. Nessa espécie de guerra entre o corpo e mente; ou contra aquilo que Paulo considerava haver no interior humano, que não é ruim e o deixa

conformado, os domínios do corpo, suas ações e seus impulsos estão em embate com o interior do homem, onde reside à lei de Deus e esse cenário que faz parte da mentalidade dos primeiros cristãos representa as tensões encontradas no interior do próprio corpo em que de um lado, o corpo é desprezado, condenado, humilhado. Assim, a salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal (LE GOFF; TRUONG, 2008).

Além disso, nessas tensões internas, o corpo se encontra em vantagem, sobretudo porque ele é “forte” o bastante para manter a mente aprisionada e ser a causa do erro; sendo o próprio motivo do conflito. A empreitada da educação do corpo no cristianismo nascente consiste nessa disciplina contra seus próprios impulsos e em favor da mente com a ajuda de Cristo, pois, se esse aspecto não se realizar, o cristão acaba por negar Cristo e todos os benefícios que ele possui para oferecer. Por isso, o homem se encontra na luta constante entre o espírito e a carne. Na perspectiva de que o espírito, contudo, deva prevalecer sobre os desejos do corpo, que devem então ser suprimidos (cf. DA COSTA; BORDIN, 2008).

Em conformidade com o exposto acima, surgem outras situações. Torna-se evidente que o corpo é quem permite ao cristão fraquejar em relação à doutrina. Assim, o corpo seria um dos propulsores do afastamento do homem de Deus, pois é nele que se origina a impureza, as vontades e a partir dessas vontades as sensações que resultam nos hábitos do pecado (BELISÁRIO, 2017). Atrelado a isso, torna-se explícito que o cristão não deve seguir a via do corpo. Para mais, Cristo é quem auxilia nessa missão e, por isso, é conveniente tomá-lo como exemplo para exterminar essa fraqueza da/na carne.

4.3. O Cristão Primitivo é Exemplo

A maneira como Paulo de Tarso propõe a percepção do cristão como exemplo dentro das pequenas comunidades, advém dos resquícios da tradição helênica, trata-se de uma espécie de pedagogia do exemplo (CAMBI, 1999). Para os primeiros cristãos, a educação instrumentalizou o homem a seguir o exemplo e a doutrina de Cristo, num processo de transformação no próprio Cristo (cf. PEREIRA MELO, 2001). Para Paulo de Tarso, é entristecedor um cristão ser motivo de queda ou tropeço de outros. A proposta, na verdade, percorre o caminho oposto: o cristão deve ser motivo de edificação dos ensinamentos de Cristo e exemplo ao caminhar na via de Deus:

Um alimento, porém, não nos aproximará de Deus. Nem se comermos nos prejudicamos, nem se não comermos nos beneficiamos. Mas tende cuidado, não vá esse vosso direito ser ocasião de queda para os fracos. Se alguém vê a ti, que tens conhecimento, sentado à mesa num templo dos ídolos, não se sentirá apoiada a consciência dele, sendo fraco, para comer carnes imoladas aos ídolos? O fraco se perderá no teu conhecimento, esse irmão pelo qual Cristo morreu. Assim, ao errardes contra os próprios irmãos e ao ferirdes a fraca consciência deles, é contra Cristo que errais. Por isso, se um alimento escandaliza o meu irmão, não comerei carne nunca mais, para que eu não escandalize o meu irmão” (1Co. 8, 8-13).

Nessa exortação, Paulo de Tarso elucida questões sobre o consumo de alimentos destinados aos ídolos. De acordo com Vasconcellos e Funari (2014, p.43), essa prática partiu do convencimento e da certeza de alguns cristãos, na crença de que de que os ídolos não existiam:

Para alguns, convencidos de seu próprio conhecimento e sabedoria, a certeza da inexistência dos ídolos era a melhor justificativa para que a participação em referidas refeições não sofresse qualquer restrição, apesar de que isso pudesse ser motivo para alguns de “consciência fraca”.

Para Paulo, não era tão simples. Ele sabia que nem todos os cristãos pensam e se comportam da mesma maneira, e que naquele momento de estruturação e desenvolvimento do cristianismo, existe uma grande dificuldade de assimilação das ideias apresentadas. Nesse sentido, a concepção da educação do cristão por meio do exemplo, fomenta que o cristão deve possuir conhecimento para agir, sobretudo publicamente, mas de acordo com os princípios de Cristo, pois ele é capaz de transmitir estes ensinamentos, pelo exemplo, aos demais cristãos com quem convive. No entanto, Paulo de Tarso exorta que o oposto também pode ocorrer, de modo que o mau exemplo também é capaz de ensinar. Nessa perspectiva, não é permitido a vivência de tal situação na *ekklesia*: “Por isso, se um alimento escandaliza o meu irmão, não comerei carne nunca mais, para que eu não escandalize o meu irmão”.

Sob essa ótica, as ações dos cristãos primitivos não podem ser motivo de tropeço para os outros, em especial, por alimentar a perspectiva que designa que o outro é quem aparece como um obstáculo (cf. ROSA, 2011). O cristianismo não se desenvolve assim; ele se desenvolve no exercício das virtudes, que, ao contrário da queda, edifica a construção dos ensinamentos de Cristo. Semelhantemente para os Romanos, Paulo de Tarso apresenta exortação similar ao orientar os cristãos a não proporcionarem aos irmãos causa de tropeço ou de escândalo (cf. Rm. 14, 13). A princípio, isso indica que os problemas ocorridos eram globais mesmo em comunidades distintas. Ademais, recorda que “se por causa de comida é entristecido o teu irmão, já não caminhas segundo amor”. (Rm. 8, 15).

É interessante analisar que Paulo acrescenta a discussão, uma espécie de apoio de consciência para com os fragilizados, por meio do exemplo dado nas ações e comportamentos do corpo. Também, para o cristão primitivo a questão relacionada a olhar e obedecer faz com que eles sintam que sua consciência foi apoiada pelo comportamento do corpo do outro. Desse modo, ao observarem tal comportamento eles acreditavam no dever de seguir o exemplo.

A crença de “olhar e obedecer”, sublinhou o imaginário da civilização romana. Em certo sentido, ela fez parte do seu cotidiano (cf. SENNETT, 2003). Ao se referir às artes plásticas e construções materiais presentes no Império, Sennett (2003, p. 82) analisa que “a ordem visual era igualmente necessária aos governantes e seus súditos, vendo-os, ele acreditaria, como se fossem reais.”. Para os primeiros cristãos tal situação era semelhante, porém a referência não se encontra nas artes plásticas ou nas construções materiais, mas sim, centra-se no seu irmão e companheiro de comunidade, em suas ações e comportamentos de seu corpo, que devem ser baseadas no exemplo de Cristo.

Para os cristãos primitivos, as ações, os impulsos e os desejos do corpo não podem entristecer os demais membros que convivem na comunidade, porque essa situação o afasta do desenvolvimento e das boas práticas das virtudes, em especial, do amor.

4.4. A Sabedoria dos Afetos

Diante da proposta “cristocêntrica” (PEREIRA MELO, 2001), a educação do corpo precisa ser realizada no desenvolvimento do amor fraterno, afetuosos uns para com os outros (Rm. 12, 9). De modo que os primeiros cristãos se encontravam imersos em uma vivência segundo a ordem ética das escrituras e no amor (IZIDORO, 2008). Possivelmente, o cenário adverso no qual os cristãos se encontravam, em especial, nessa certeza e “na esperança, alegres” pela volta do seu Senhor, bem como na vida eterna, tenha contribuído para a transição afetiva. Como dito anteriormente, o cristianismo nascente não propõe uma mudança estrutural, social e/ou econômica do Império, a questão tende ao espiritual. Assim, para realizar uma educação do corpo sem ocasionar problemas, revoltas ou agravar crises já presentes no Império, foi necessário educar o corpo por meio da afetividade:

Exorto-vos, por conseguinte, irmãos, pelos compadecimentos de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja esse o vosso culto razoável. Não vos acomodeis a este mundo, mas deixai-vos transformar pela renovação da mente para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável, o que é perfeito. Digo, pois, através da graça que me foi dada, a cada um de vós que não pense acima do que deve pensar; mas pense em pensar sensatamente, de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um. Tal como num só corpo temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, assim os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. Tendo nós dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se profecia, [que seja usado] em sintonia com a fé; se serviço, [que seja usado] em serviço; quem tem [o dom] de ensinar, [que o use] no ensino; quem tem [o dom] de exortar, [que o use] na exortação; quem reparte, [faça-o] em generosidade; quem preside, [faça-o] em dedicação; quem pratica a misericórdia, [faça-o] em alegria. Que o vosso amor não seja hipócrita. Detestando o mal, colando-vos ao bem; no amor fraterno, afetuoso uns para com os outros; na honra, estimando-vos uns aos outros; na dedicação, não hesitantes; no espírito, fervorosos; ao Senhor servindo como escravos; na esperança, alegres; na tribulação, pacientes; na oração, perseverantes, contribuindo para as necessidades dos santos, cultivando a hospitalidade. Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupando-vos com o mesmo uns com os outros, não vos preocupando com as coisas altivas, mas entregando-vos às coisas humildes. Não vos torneis sábios por vós próprios. Não pagando a ninguém o mal com o mal, interessando-vos pelo que é bom diante de todas as pessoas. Se for possível da vossa parte, vivei em paz com todas as pessoas. Não vos vingueis por vós próprios, [ó] amados, mas deixai lugar à ira [de Deus], pois ficou escrito: A mim [competem] a] vingança, Eu retribuirei, diz o Senhor. Mas se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber; porque, se fizeres isso, amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça. Não sejas vencido pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Rm. 12, 1-21).

Essa exortação de Paulo de Tarso ilustra as questões mencionadas anteriormente. Inicialmente, Paulo revela que o corpo do homem faz parte do processo do culto dos cristãos — não qualquer corpo, mas o corpo sacralizado que se encontra distante dos impulsos e desejos da carne. O que se propõe é a transformação justamente da mente, mas não algo meramente mental e sim num modelo que envolve a própria existência corporal como um todo (OLIVEIRA, 2004). No entanto, essa transformação deve ser ampliada, especialmente, por meio do amor. Trata-se do processo em que o cristão, durante o I d.C., não pode ser compreendido distante desse afeto, pois a solidez dos ensinamentos para o desempenho das virtudes e boas práticas cristãs estão contidos nele.

Para os primeiros cristãos, não é a razão que conduz e orienta sua forma de viver e/ou sua convivência; são os afetos que devem ser responsáveis por essa circunstância e, por isso, “o vosso amor” não deve ser “hipócrita”. Ainda nessa exortação, valendo-se de uma analogia do corpo, Paulo de Tarso orienta a organização da *ekklesia*, dizendo a cada membro que cumpra sua função para que

o todo cristão possa existir, “detestando o mal, colocando-vos ao bem”. Mais especificamente, espera-se que esse corpo possa ser habitado pelo sagrado e, em especial, pelo amor que é capaz de edificar a construção das relações entre os homens. Assim, a atividade cristã, estabelecida nas comunidades primitivas, apesar de enfrentar restrições e problemáticas, propõe ir ao encontro do próximo, buscando estabelecer novas relações baseadas no amor e na justiça (cf. GOUVÊA, 2021).

Acrescenta-se à discussão uma mudança radical proposta por Paulo, ao anunciar: “Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis”. No entanto, também é possível que Paulo de Tarso enfatize esse aspecto por ele mesmo ter sido perseguidor e causador de danos aos cristãos, reconhecendo sua atitude como algo prejudicial. Mesmo assim esta proposta contribui com o processo de educação do corpo, pois aquele que ama pratica a virtude, segue boas condutas e não amaldiçoa os que possuem interesses diferentes.

Para mais, em um cenário onde as condições materiais dificilmente se realizam para os cristãos, a preocupação não precisa ser com coisas “altivas”; ao contrário, deve se direcionar para as coisas “humildes”. O cristão primitivo deve aprender que sua importância é sacra e não racional sem se tornar “sábios por vós próprios” e, para tanto, deverá educar seu corpo para que “não sejas vencido pelo mal, mas vence o mal com o bem”.

Ademais, essa transição para um mundo afetivo que em certo sentido provoca o distanciamento da racionalidade detém pormenores importantes. O distanciamento coloca o cristianismo nascente em oposição às ideias helênicas, onde diversas correntes filosóficas, pautadas em meditações morais e fortes tons religiosos (REALE; ANTISERI, 1990), ainda eram vigorosas no Império durante o século I d.C. Essa oposição à cultura greco-romana se deu principalmente pelo conflito entre a “ciência” e “Deus”. Para o cristão, todo conhecimento provinha propriamente de Deus. A ciência humana não podia garantir uma conduta virtuosa, antes mesmo poderia ser inclusa, do ponto de vista cristão, na esfera dos instrumentos que atuavam em sentido negativo, enquanto que a sabedoria cristã era possibilitadora dos verdadeiros bens, ao direcionar a conduta no sentido virtuoso, conforme os ensinamentos do Mestre (PEREIRA MELO, 2001).

Nessa perspectiva, a educação do corpo para os primeiros cristãos, parte em busca de conseguir alcançar a conduta virtuosa, sobretudo por meio do amor. Isso significa que era importante ser virtuoso e que o corpo pode auxiliar nesse processo,

quando se torna educado, disciplinado e pacífico pelo afeto. Assim, educação do corpo para o afeto tende a formar o cristão que pacífico, distante dos problemas e dos atritos com as demais *religiones* imperiais, com os setores político-administrativos romanos ou diante de situações semelhantes.

Portanto, o homem portador do amor, não será capaz de usar seu corpo para promover situações que prejudiquem o desenvolvimento do cristianismo nascente, nem as condições de dominação imperiais, muito menos permitirá ser escravo de seu corpo. Em certo sentido, a proposta cristã consiste em utilizar o amor, enquanto afeto estruturante da educação do corpo e promover uma liberdade espiritual.

4.5. O Corpo e Liberdade

O amor considerado por Paulo como fundamental para o desenvolvimento do cristianismo durante o século I d.C., de certa maneira, inaugurado por Cristo (AMARAL; PEREIRA MELO, 2009) também se relaciona com o processo de liberdade dos primeiros cristãos. Em uma exortação aos Gálatas, Paulo de Tarso analisa que os cristãos foram chamados à liberdade, mas que existem condições para que ela possa existir. Essas condições perpassam pela educação do corpo:

“Pois vós fostes chamados para liberdade, irmãos. Só que não se trata da liberdade como via aberta para a carne; mas antes servi-vos uns aos outros através do amor. Pois toda a lei fica cumprida numa palavra, a saber: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vos morderdes e vos devorardes uns aos outros, tende cuidado para que não sejais aniquilados uns pelos outros”. (Gl. 5, 13-15).

A liberdade abordada por Paulo de Tarso e concebida aos primeiros cristãos diz respeito à vinda de Cristo, que os havia libertado para que fossem livres, mesmo em uma sociedade escravagista (DE ASSIS, 2012). Isso significa que independente da condição social, política ou econômica, e mesmo que fosse explorado pelo Império, o cristão poderia ser livre. Ademais, algumas ideias do estoicismo vigente também podem ter influenciado as reflexões de Paulo. Em certo sentido, havia uma espécie de escravidão moral que acompanhou o homem durante o I d.C., assim o homem poderia ser livre civilmente, por meio das leis promovidas pelo Império, mas ainda comportar-se como escravo, de modo que o liberto pela perspectiva moral, continua escravo (cf. JOLY, 2017). É válido ressaltar, que o contrário também existia; o homem com o estatuto da liberdade, mas ser escravo pelas paixões, honra, orgulho, importância, sexo, entre tantos outros. Nesse sentido, Paulo de Tarso, na

busca por promover a liberdade moral dos primeiros cristãos, inaugurou uma espécie de liberdade que contempla questões relacionadas ao corpo. Dessa forma, o cristão é livre na medida em que os comportamentos do seu corpo não o permitam escravizá-los.

Assim, a liberdade de Paulo de Tarso não é a liberdade do corpo. Como referido anteriormente, trata-se de fazer do corpo instrumento do amor; não no sentido de um mero sentimento, mas de uma entrega pessoal e voluntária que conduz à submissão (PFEIFFER; VOS; REA; 2007). Se por um lado, as condições materiais e econômicas pouco se realizam entre os cristãos devido às situações desfavoráveis e explorações sofridas, por outro, eles agora poderiam ser libertos dessas situações que os escravizavam. Por isso, a liberdade cristã, exigida pela própria essência do cristianismo, contribui com duas circunstâncias: relacionar-se com o corpo e com o amor; nesse sentido, a educação do primeiro com base no segundo é uma das premissas importantes apresentadas por Paulo de Tarso.

É importante considerar que a liberdade apresentada por Paulo, representa uma situação ambígua. O corpo se encontra em oposição ao espírito ao passo também que é por meio dele que se podem alcançar as coisas sagradas. Paulo recorda: “[...] em espírito caminhai e não consumeis desejo [proveniente] de carne. Porque a carne deseja de forma contrária ao espírito; e o espírito, de forma contrária à carne: essas realidades se opõem mutuamente para que não façais aquilo que quiserdes”. (Gl. 5, 16-17).

Esse paradoxo permite analisar que o corpo, para o cristão, não pode ser considerado como totalmente ruim, e isso justamente porque ele possui potencial para alcançar aquilo que é a finalidade de todo cristão: a vida eterna. Se, por um lado, ele é condenável e promíscuo, por outro, se for capaz de conseguir dominá-lo em todas essas ocasiões, é admirado, respeitado e sacralizado: “Pois aquilo que uma pessoa semear, isso colherá. Porque quem semeia em direção à sua própria carne, da carne colherá a podridão; mas quem semeia em direção ao espírito, do espírito colherá a vida eterna”. (Gl. 6, 8). Assim, a proposta de liberdade cristã envolve o desenvolvimento da educação do corpo, juntamente com determinadas orientações para que este corpo receba, sobretudo, um caráter sacro que o permita ser escravizado.

4.6. Orientações ao Corpo para Sacralização

A sacralização, característica da educação cristã, torna-se marcante para o desenvolvimento do cristianismo nascente. Trata-se do processo de santificação do homem: a imitação de Deus, para elevar-se a Ele em Cristo e por meio de Cristo (MELO, 2001). Nessa perspectiva, Paulo de Tarso recorda alguns momentos importantes de orientações, em especial, que apontam para um processo de transformação social, mental e corporal do homem:

Digo [isso] para vossa vergonha. Não existe entre vós nenhum sábio, que conseguirá julgar no meio do seu irmão? Mas um irmão processa o seu irmão e isto diante dos não crentes? Para vós já é totalmente uma derrota que tenhais questões uns com os outros. Por que não preferis, antes, sofrer uma injustiça? Por que não preferis ser prejudicados? Mas, pelo contrário, sois vós que cometeis injustiças e causais prejuízos, e isso contra irmãos. Ou não sabeis que injustos não herdarão [o] reino de Deus? Não vos enganéis: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem afeminados, nem homens que se deitam com homens, nem ladrões, nem gananciosos, nem bêbados, nem caluniadores, nem rapaces herdarão [o] reino de Deus. E alguns de vós éreis assim. Mas vos purificastes; fostes santificados, fostes tornados justos em nome do Senhor Jesus Cristo e no espírito do nosso Deus” (1Co. 6, 5-11).

A partir dessa exortação, analisa-se que processo de santificação perpassa por reconhecer que determinados comportamentos e ações não devem mais ser realizadas pelos cristãos, mesmo que alguns em seu passado, já tenham realizado, como por exemplo, a fornicação, o adultério ou a idolatria. A ideia expressa reside em abandonar as ações que prejudiquem, por serem injustas, o desenvolvimento do cristianismo nascente. Ademais, Paulo de Tarso afirma que “Tudo me é permitido”, mas eu não deixarei me dominar por nada”. (1Co. 6, 12). Assim, é possível compreender que o cristão é quem precisa deter as rédeas da situação e dominar suas ações. Essa preocupação reflete justamente no corpo, com seus impulsos e desejos, que devem ser contidos: “Ora o corpo não é para a prostituição, mas para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. E Deus ressuscitou o Senhor e nos ressuscitará também através do seu poder.” (1Co. 6, 13-14).

Por mais que na cultura clássica também houvesse grande preocupação com o corpo, como por exemplo, no caso dos romanos, que tinham hábitos de higiene, conforme mostram os banheiros e banhos públicos, suas preocupações para com o corpo, eram diferentes das propostas pelo cristianismo nascente. Por isso, para Paulo essa situação era tão difícil de ser compreendida. Para os cristãos primitivos dominarem o próprio corpo, apesar de fundamental, não era algo fácil, em especial, pois, na civilização antiga, durante o século I d.C., o desregramento e descuido para com o corpo eram evidentes e extremamente comuns. Além disso, a capacidade do

cristão de dominar seu próprio corpo, seus impulsos e seus desejos, é no mínimo duvidosa nesse ambiente; e, portanto, tende a ser muito difícil de ser realizada.

Ainda voltado à sacralização do corpo, recorda-se a questão do matrimônio entre os primeiros cristãos. Ao orientar a respeito dos relacionamentos interpessoais, conjugais e afetivos na *ekklesia*, Paulo de Tarso exorta:

Não vos priveis mutuamente, a não ser por comum acordo e por algum tempo para terdes disponibilidade para a oração. Depois, voltai de novo um para o outro, para que Satanás não vos tente devido à vossa falta de autodomínio; digo isso como temporização, não como ordem. Quero que todas as pessoas sejam como eu (só que cada um tem um carisma próprio de Deus: um assim; outro de outra maneira). Digo aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçais como eu. Porém, se não conseguem dominar-se, que casem. Pois é melhor casar do que arder.”. (1Co. 7, 5-9).

Por intermédio da exortação acima, mais especificamente, da orientação “se não conseguem dominar-se, que casem”, se analisa que na perspectiva do cristianismo nascente, o casamento possa estabelecer um espaço ordenado para prática sexual, e ainda colaborar no combate a imoralidade das pulsões corporais, uma vez que nem todos os cristãos estavam aptos a seguir o celibato e a vida virginal (NUNES, 2023). Nesse sentido, as práticas sexuais contidas no matrimônio podem ser consideradas como momentos de fuga do corpo sacro. Trata-se de uma autorização para realizar um comportamento que se estivesse fora do campo matrimonial não poderia ocorrer. Por isso, o matrimônio pode ser uma prática que falseia o autodomínio sobre o corpo dos primeiros cristãos. De toda forma, os cristãos primitivos precisavam obter desse domínio sobre o corpo, porque o corpo dominado e sacralizado é obra e representa o Senhor.

A posição de Fabris (1996, p.28) reitera a condição de construção social da nova doutrina, ao analisar que abrir mão do matrimônio “para dedicar-se completamente ao anúncio do evangelho corresponde a imagem dos filósofos e pregadores itinerantes do ambiente grego, em particular o estoico”. Outro aspecto relevante nessa orientação, relacionada aos relacionamentos, é que, para Paulo de Tarso, nesse instante, essa não deve ser uma preocupação: “Quero que estejais despreocupados” (1Co. 7, 32). Os relacionamentos conjugais não são considerados a questão mais importante nesse momento. Não é algo para se preocupar, mas o ideal é ser solteiro e com a educação do corpo em dia, sacralizado e disciplinado totalmente, justamente, pois o mundo logo vai acabar e, se quiser continuar a vida após a morte, essa é a única preocupação válida (cf. 1Co. 7, 32-35).

Em último degrau, a educação do corpo para a sacralização, ecoa no processo de compreensão do corpo como templo do sagrado. Como referido anteriormente, Paulo de Tarso considera o corpo do homem como um espaço sagrado: “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do espírito santo que [está] em vós, o qual recebestes de Deus; e que vós já não vos pertenceis?” (1Co. 3,16). Essa situação reitera a condição do corpo, no cristianismo primitivo, como objeto de santificação, de ser apropriado por Deus e dedicado a ele (RIDDERBOS, 2004).

Dessa maneira, o cristianismo nascente propõe que por meio da vinda de Cristo, foi possível uma reconciliação entre Deus e os homens, sobretudo, por meio de sua morte, e a fim de apresentar os crentes como “santos, inculpáveis e irrepreensíveis” diante de Deus. Portanto, Deus teria escolhido os cristãos para si, dentre os pagãos e outros demais povos, como os amados pelo Senhor e santificados pelo Espírito. Contudo, essa santificação envolve, por sua vez, a dedicação ativa dos cristãos para com Deus (cf. RIDDERBOS, 2004).

Assim, nesse processo de dedicação ao sagrado, parte da exigência da educação cristã perpassa pela aceitação irrestrita da sua doutrina, e pelo compromisso pessoal com Jesus, única norma de pensamento e conduta, em sentido estrito, e ante a qual tudo mais incorporava valor relativo ou proibido (PEREIRA MELO, 2001). Desse modo, o compromisso com Jesus, perpassa pela educação de seu corpo, em especial, pela aceitação das normas de conduta, que nesse sentido determinam que o cristão eduque seu corpo, uma vez que aquilo que é dedicado e santificado a Deus deve ser puro e sem defeito (RIDDERBOS, 2004). Para tanto, nesse processo se faz necessário ainda compreender a dimensão das vias propostas pelo Senhor, de modo a analisar aquilo que a via do espírito e a via da carne possuem para oferecer no processo de formação do homem durante o I d.C.

4.7. O Governo do Corpo

Paulo de Tarso atribui importante relação às “coisas da carne” e as “coisas do espírito”. O imaginário do cristão primitivo é dotado da ideia de que a via que você escolhe fatalmente faz ser quem ele é. As vias não são muitas, somente duas são apresentadas: carne ou espírito, mas ambas possuem capacidade e potencial para conduzir as ações dos homens; não só as ações como também os pensamentos. Portanto, há no corpo duas condições: uma de agente, produtor de maneiras de

viver e experimentar o mundo e, também de produto, na qual reproduz outras formas de viver e experimentar o mundo. Nessa perspectiva é possível considerar o corpo como condutor da consciência e não somente o oposto, assim o corpo pode conduzir sua consciência em vez de ser seu objeto (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008).

Em certo sentido, é possível que o corpo seja capaz de produzir pensamentos; no entanto, são pensamentos considerados pouco férteis para o desenvolvimento dos princípios de Cristo, ao passo que o espírito causa o oposto. Nesse sentido em que o corpo torna-se capaz de produzir e colaborar com pensamentos e reflexões aumenta a preocupação relacionada ao processo educacional. Há um conjunto de ideias propostas por Cristo que devem ser executadas e colocadas em práticas e o corpo não pode atrapalhar esse processo, ao contrário, ele deve auxiliá-lo. Assim, para os Gálatas, por exemplo, Paulo elabora uma lista de obras da carne (Gl. 5,19-21) e outra de frutos do Espírito (Gl. 5,22-23).

Para esta situação é preciso que sejam elaborados atributos que podem ou não ser realizados pelo corpo, bem como comportamentos e ações permitidas ou negadas pela comunidade. Para o cristão primitivo, é fundamental prevalecer o domínio do espírito sobre o corpo quando esse age de forma nociva, pois nem mesmo o corpo deve ser capaz de prejudicar o desenvolvimento da vida do homem com Deus: “Quem nos separará do amor de Cristo? Aflição ou angústia ou perseguição ou fome ou nudez ou perigo ou espada?” (Rm. 8, 35).

Diferente da tradição helênica, em que a nudez fora tratada como símbolo de admiração e confirmação da dignidade de um cidadão (SENNETT, 2004), para os primeiros cristãos a nudez era símbolo de segregação e causador de problemas na *ekklesia*. O corpo exposto e nu era vulnerável, e, correspondia ao afastamento do homem para com Deus, sobretudo, por meio do pecado original que o fez abrir os olhos (Gn. 2, 25) e enxergar o mundo de uma forma diferente, de tal forma que o modo de vestir do corpo tornou-se parte de sua compreensão histórica (cf. LE GOFF; TRUONG, 2008).

Assim, ao pecar o homem perde a glória divina e o corpo torna-se visível em sua natureza, ou melhor, torna-se visível sem a graça divina. Pelo pecado, o homem é descoberto no próprio ser e por isso deveria ser coberto a nudez do corpo pelo vestido (cf. PETERSON, 1940). Nesse sentido, o direcionamento é para que a maneira como o corpo do homem se encontra, sem vestimenta/desnudado, deve ser

evitado pelos primeiros cristãos, sobretudo, nesse cenário em que o termo *caro* (carne) forja o vocabulário cristão da ideologia anticorporal (cf. LE GOFF; TRUONG, 2008). Portanto, esse momento denota a complexidade da situação em que o corpo estava inserido, bem como as dificuldades que ele outrora trouxe aos primeiros cristãos, sobretudo, porque nesse processo o corpo pode ser o próprio impeditivo de crença no cristianismo nascente.

4.8. O Impeditivo Corpo

Em certo sentido, há uma situação complexa em que o cristão necessita deixar de ser carnal, mesmo quando sua própria existência na terra se faz carnal. Nesse momento, é possível compreender que a imagem do corpo, concretamente, denunciava a presença de vários problemas (FERREIRA, 2017). Trata-se de que os primeiros cristãos, seu próprio corpo pode impedi-lo de ser cristão.

Paulo de Tarso exorta que até mesmo os problemas, discórdias e inveja presentes na *ekklesia* de Corinto são frutos da carne e derivam da maneira como o homem se comporta:

Quanto a mim, irmãos, não pude vos falar como a [pessoas] espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos de beber leite e não alimento sólido, pois ainda não [o] conseguíeis [comer. Nem mesmo agora conseguis, porque ainda sois carnis. Pois se entre vós há inveja e discórdia, não é porque sois carnis e procedeis de modo humano? Quando um disser “eu sou de Paulo”; e outro “eu sou de Apolo”, não estais a proceder como humanos?”. (1Co. 3, 1-4).

Ainda para os Coríntios, Paulo de Tarso adota uma postura um tanto radical para com a educação do corpo. Sobretudo, porque, se existe um corpo terreno, também existe um corpo espiritual (1Co. 15, 44). Esses procedimentos irritavam Paulo de Tarso:

Por toda a parte se ouve dizer que existe entre vós fornicção; e uma fornicção de tal ordem que nem entre os pagãos existe: alguém possui a mulher do seu pai. E vós continuais inchados, em vez de andardes de luto para que seja tirado do vosso meio aquele que fez uma coisa dessas? Eu, pela parte que me toca, ausente no corpo mas presente em espírito, já julguei, como se estivesse presente, quem agiu dessa forma: em nome do Nosso Senhor Jesus, estando vós reunidos e eu presente em espírito com o poder do Nosso Senhor Jesus, que esse homem seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o [seu] espírito seja salvo no dia do Senhor. Não é bonita a vossa arrogância. Não sabeis que pouco fermento faz levedar toda a massa? Lavai bem o fermento antigo, para que sejais uma massa nova, já que sois ázimos. Pois a nossa Páscoa, Cristo, foi sacrificada. Por conseguinte, festejemos, não em fermento antigo nem em fermento de maldade e de iniquidade, mas em ázimos de limpidez e de verdade. Escrevi-vos na carta [anterior] que não vos misturásseis com fornicadores. Não me referia genericamente aos fornicadores deste mundo, ou aos gananciosos, rapaces ou idólatras, porque então teríeis de sair deste mundo. Não. Escrevi que não devíeis vos associar com quem, dizendo-se

irmão, fosse fornicador, ganancioso, idólatra, caluniador, bêbado ou rapace. Com uma pessoa assim, nem sequer deveis comer” (1Co. 5, 1-11).

Nessa exortação, Paulo de Tarso narra um momento atípico dentro da comunidade dos Coríntios, trata-se de relações incestuosas. Para o espanto de Paulo, os membros da comunidade cristã sabiam do fato ocorrido e não se importavam com essa situação. Em certo sentido, o cenário demonstra que a atenção dedicada à educação do corpo estava distante de ser a ideal para o cristão. Desse modo, a possibilidade é de que Paulo tenha se preocupado em promover a educação para a virtude e também para as boas práticas cristãs, a fim de que pudessem alcançar os comportamentos exortados acima. Também, ressalta-se a possibilidade de Paulo de Tarso ter inspirado sua reflexão a esse respeito, no antigo testamento (Lv. 18), de modo a considerá-lo, ou pelo menos parte dele, como ainda válido para os cristãos (MUELLER, 2017).

Nesse momento, a postura de Paulo torna-se radical: imbuído “com o poder do Nosso Senhor Jesus”, neste caso específico, ele orienta que o homem (o fornicador) “seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o [seu] espírito seja salvo no dia do Senhor”. A acusação realizada é grave e permite a Paulo ser severo em sua recomendação: é preferível destruir o corpo, colocar fim a sua existência e tentar ao menos salvar o espírito; era um caso extremo que poderia colocar a doutrina em apuros, por isso “com uma pessoa assim, nem sequer deveis comer”, tal situação era orientada, sobretudo, pois, na Antiguidade comer e beber juntos fortalecia os laços de amizade, além de poder discutir a respeito de tópicos importantes como: política e o planejamento de ações (cf. SILVA, 2013). Assim, era preferível que aqueles que não pudessem manter seus corpos disciplinados, fossem excluídos do círculo de convívio da comunidade, em especial devido aos problemas que essa situação poderia promover.

Contudo, outros problemas também surgiram na vivência dos primeiros cristãos levantando questões que deveriam ser compreendidas pela comunidade, como por exemplo, a relação estabelecida entre o homem e materialidade que o envolve na vida terrena e na vida eterna durante o I d.C.

4.9. Realizações Materiais no Céu ou na Terra?

Como os filósofos e escritores neoplatônicos e estoicos de seu tempo, Paulo contrapôs o homem interior ao homem exterior, bem como a precariedade das coisas visíveis frente à imutabilidade das invisíveis (MELO; DA SILVA, 2014). Essa

situação conduz Paulo de Tarso a propor uma reflexão a respeito das questões materiais que, em um primeiro momento, recebem uma conotação negativa. Em uma das poucas críticas explícitas à forma de governo operante do século I d.C., Paulo de Tarso recorda que o Império não era capaz de promover o desejado reinado de amor para os cristãos; de modo nem a reconhecer um único Deus, o provedor de Cristo e da doutrina. Em certo sentido, esse reino pretendido por Paulo, era impossível nesse momento, pois o Império não era cristão, muito pelo contrário, a predominância da religião era a politeísta.

Assim, se o reinado não fosse possível em terra, ele se desenvolveria nos céus. Paulo de Tarso, em sua segunda epístola aos Coríntios, narra um fato um tanto curioso, em especial, pois Paulo descreve o cenário do “céu” de acordo com a materialidade terrena. Ele afirma que os primeiros cristãos não só se preocupam em buscar a vida eterna como também, ao conquistá-la, hão de possuir moradias materiais para seus espíritos (2Co. 5, 1). Ora, tal aspecto ecoa no entendimento de Paulo a respeito da ressurreição, de modo que uma das possibilidades de sucesso do cristianismo relaciona-se com a ressurreição da alma e do corpo (VEYNE, 2011). A redenção por meio da ressurreição para Paulo de Tarso não é uma espécie de fuga da existência corporal, mas sim, sobretudo, uma transformação numa diferente espécie de existência corporal. Nesse sentido, torna-se quase imprescindível que a materialidade do corpo do homem também não ressoe nos céus pela eternidade.

Nessa perspectiva, é interessante analisar que Paulo de Tarso faz referência à materialidade presente no seu ambiente: “Sabemos que, se a morada terrestre da nossa tenda for destruída, temos um edifício de Deus, morada eterna nos céus que não foi construída por mãos humanas.” (2Co. 5, 1):

Pois nessa [tenda] gememos, desejando nos vestir com a habitação do céu, se é que seremos encontrados vestidos e não nus. E [nós], estando na tenda, gememos, sobrecarregados, porque não queremos estar despídos, mas sim vestidos, para que o mortal [em nós] seja engolido pela vida. Quem nos preparou para isso mesmo [é] Deus, tendo nos dado o penhor do espírito. Por conseguinte, nós confiamos sempre, sabendo que, ao estarmos em casa no corpo, residimos longe do Senhor: pois caminhamos através de fé, não através de visão. Estamos confiantes e nos agradamos de preferência em nos ausentarmos do corpo e residirmos com o Senhor. Por isso temos também ambição, quer estejamos em casa ou fora dela, de Lhe sermos agradáveis. Pois é necessário que todos compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um seja recompensado em relação às coisas que fez através do corpo, quer [se trate de] coisa boa, quer de coisa má. Conhecendo nós o temor do Senhor, persuadimos os homens e nos tornamos manifestos a Deus. Espero que também nas vossas consciências me tornei manifesto” (2Co. 5, 2-11).

Nesse momento, Paulo apresenta um diálogo com relação ao processo para conseguir uma morada no reino dos céus. Ademais, a realidade presente da existência cristã e apostólica é vista e retratada no horizonte de sua dimensão futura como existência corpórea concreta (WIESE, 2015). Trata-se de um momento difícil e doloroso, sobretudo, pois o corpo se encontra nesse processo. Por isso, quem prepara o cristão para esse momento áspero é Deus, com o penhor do espírito. Ao morrer o homem ressuscitará em sua totalidade, e seu corpo participará desse processo por meio do espírito.

Werner Wiese (2015, p.21) analisa que tal realce estava relacionado às divergências que o Apóstolo teve muitas vezes com os Coríntios. Em especial no que tange a respeito de que “[...] para estes despojar-se do corpo (ver-se livre do corpo) não era problema, para Paulo sim. Aqui está a razão da insistência do apóstolo na corporeidade escatológica”. Sob essa ótica, Paulo de Tarso recorda que a confiança de que o corpo atrapalha esse processo e afasta o homem da morada eterna é fundamental, em especial, pois ao acreditar que ele dificulta a caminhada para viver eternamente, fica mais fácil e aceitável desapegar-se dele e da terra para seguir o caminho eterno.

Para mais, Paulo ainda aborda um assunto que não era novo para os cristãos primitivos: o julgamento de Cristo, em uma espécie de tribunal sagrado (cf. WIESE, 2015). A principal e fundamental importância deste juízo para a educação do corpo dos primeiros cristãos é o peso que Paulo atribui ao corpo nesse processo: o juízo ocorre por intermédio daquilo que o corpo realizou, seja agradável aos ensinamentos de Cristo ou não. Dessa maneira, a importância que Paulo dá ao corpo é inegável, e dois elementos ficam muito claros: o primeiro é a valorização do corpo. O segundo é a responsabilidade dos cristãos que surge da valorização do corpo (WIESE, 2015).

Assim, a partir dessa exortação, evidencia-se a consciência da capacidade educativa que o corpo possui para o desenvolvimento do cristianismo nascente. Dessa maneira, compreende-se que o corpo permite aos cristãos reconhecer que o sagrado está distante, mas que, mesmo distante, pode ser acessível, sobretudo, por intermédio da educação desse próprio corpo que irá habitar em sua morada eterna. Para tanto, como dito anteriormente, uma alternativa para realizar essa busca reside na sacralização do corpo, exercendo domínio e cuidando dos desejos, ações e

vontades que ele detém, pois “estamos confiantes e nos agradamos de preferência em nos ausentarmos do corpo e residirmos com o Senhor”.

4.1.2. Corpo, Cristianismo Primitivo e Paulo de Tarso

A educação do corpo no cristianismo primitivo apresentado por Paulo de Tarso, especialmente, por meio de suas epístolas que foram direcionadas aos primeiros cristãos, revela que o desenvolvimento do cristianismo perpassa, sobretudo, pelo desenvolvimento da educação do corpo do cristão. No aspecto doutrinal, para os primeiros cristãos, o fim dos tempos se encontrava próximo, motivo de grandes aflições por se sentirem despreparados para esse grande evento. Esse fato provocou situações de crise existencial, agravadas, por exemplo, pela fome (At. 11, 27-30), particularmente nas províncias afastadas do Império. Ademais, esse cenário ainda permite refletir porque, por parte dos cristãos, ocorre a recepção dessa educação proposta por Paulo.

Nesse processo, o corpo se apresenta como parte fundamental na edificação dos comportamentos, ações e da mentalidade do homem no cristianismo nascente visto que o exercício das virtudes e a realização de boas práticas, poderia auxiliar o homem a preparar-se para este momento.

Nessa perspectiva, torna-se possível analisar o corpo em Paulo de Tarso, como uma construção social. De certo, pois ele é o contato primário do ser humano com o universo em que está inserido, trata-se do estabelecimento do contato particular com o social. A originalidade última desta experiência é estar no cruzamento do invólucro individualizado com a experiência social, da referência subjetiva com a norma coletiva. É exatamente por ser “ponto-fronteira” que o corpo está no centro da dinâmica cultural (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008).

Assim, direcionado ao cristianismo nascente, se analisa que o corpo é capaz de moldar-se por meio de comportamentos apreendidos a respeito de determinada orientação. Por isso Paulo traça orientações de como o homem deve se comportar; aos romanos, exemplificando, Paulo de Tarso exorta: “ revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada façais para providenciar a satisfação dos desejos da carne” (Rm. 13, 14). Nesse caso e momento, espera-se que o homem possa, sobretudo, ser capaz de apreender a dinâmica dos afetos, para que possa realizar boas práticas e exercitar suas virtudes, como por exemplo, a caridade.

Desse modo, para alcançar tal expectativa, os cristãos primitivos recorreram à educação, sobretudo a do corpo, tornando-a parte fundamental para compreender as ações mediadas pelo corpo que tecem a trama da vida quotidiana, seja na cena da vida pública ou privada (cf. LE BRETON, 2006). Atrelado a isso, concilia-se a principal premissa de não utilizar a razão como base para promover o desenvolvimento da educação do corpo. Nesse sentido, a educação recebe seu fundamento especialmente no amor, pois ele confere a transformação educacional proposta pelo cristianismo, por tornar capaz a compreensão dessa doutrina nascente. Para tanto, Paulo de Tarso evidencia o caráter do cristianismo enquanto construção social:

Pois sendo eu livre em relação a todos, me fiz escravo de todos, para os ganhar em maior número. E me tornei para os judeus como judeu; aos que estão sob [a] lei [apresentei-me] como sob [a] lei, não estando eu próprio sob [a] lei, para ganhar os que estão sob [a] lei. Aos que não têm lei [me apresentei] como sem lei (embora eu não esteja sem a lei de Deus porque tenho a lei de Cristo) para ganhar os que não têm lei. Tornei-me fraco perante os fracos, para ganhar os fracos. Tornei-me todas as coisas para todas as pessoas, para salvar alguns a qualquer custo. Todas as coisas eu faço por causa da boa-nova, para dela me tornar participante.”. (1Co. 9, 19-23).

Nesse balanço, Paulo de Tarso hora se aproxima da cultura clássica, hora se distancia, e ainda, em outros momentos vale-se da cultura judaica, garantindo desse modo a formação de uma nova cultura que propõe como um de seus aspectos a educação do corpo dos primeiros cristãos.

5. CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível compreender o novo tempo em relação à educação; especialmente, a educação do corpo, proposta pelo cristianismo primitivo. Em certo sentido, essa educação inicial cristã concedeu aos homens uma nova alternativa de compreensão acerca do mundo e de si mesmo; e, assim, de seus corpos. Assim, foi capaz de promover uma nova forma de pensar o homem e a educação, que o contempla em todos os aspectos, inclusive com uma nova proposta de educação para o corpo.

Durante o primeiro século da nossa era, o cenário material, social e mental em que os homens estavam inseridos, sobre o manto do Império, remeteu a um momento único de pluralismo social e cultural. O Império Romano, enquanto instituição humana e político-administrativa, organizou o universo Ocidental e Oriental, dividindo-os em províncias e administrando-as. Desse modo, a maneira como subjugaram outros povos, como os tarsenses, unido à exploração dos recursos, sobretudo econômicos, ocasionou desconforto e insatisfação, além de alterar as formas de governo dos povos que foram dominados, abrindo precedentes para revoltas ou, então, novas reflexões sobre como a vida deveria ser.

Assim, a análise centrada na organização política, social e econômica do Império Romano durante o primeiro século, permitiu entender que o modo como o Império esteve organizado nesse momento, favoreceu aos setores dominantes e a aristocracia romana. A figura do Imperador, principal regente da civilização, tinha plenos poderes político, militar, econômico e religioso. Dessa forma, por estratégia, para melhor dominação, os imperadores concederam certa autonomia administrativa às províncias enquanto a parte econômica ficava sob a tutela romana, expressas em impostos e rotas comerciais.

Sob essa ótica, o movimento cristão inicialmente não poderia ser considerado uma potência para época, ou ainda uma ameaça ao Império, de modo que os cristãos conflitaram somente com outras religiões, cultos e crenças presentes na vastidão imperial, o que auxiliar a compreender um dos motivos que levaram o cristianismo se desenvolve às margens.

Ademais, esse aspecto da dominação imperial, ecoa no processo de educação do corpo. Desse modo, como era improvável vencer o Império ou os

Imperadores em sua totalidade, durante o I d.C, a solução encontrada por parte dos primeiros cristãos foi, a princípio, ocupar-se especialmente da esfera religiosa. Assim, pouco expostos a possíveis censuras e discriminações que poderiam ser-lhes acometidas, os cristãos organizaram-se, reunindo em pequenos grupos e fortalecendo suas tradições, sobretudo, por meio de resoluções e mediações de conflitos internos, num cenário em que o corpo era compreendido como grande causador de problemas.

Portanto, nesse momento, só era possível coordenar movimentos que fossem independentes do Império, propostas que pudessem ser desenvolvidas sem a intervenção ou apoio imperial. Desse modo, a proposta formativa do cristianismo nascente tornou possível a educação do corpo. Por fim, devido a seu caráter independente, a educação do corpo ainda habilitou o homem a de certa forma, burlar sua estadia na terra/Império e, possuir condições para migrar rumo aos céus, visto que ao seguirem determinadas orientações, que promoveram condições para educação do corpo, os cristãos, poderiam cumprir com a finalidade de chegar aos céus.

Assim, o *modus operandi* do Império, ao organizar-se em torno dos setores dominantes e da figura do Imperador, aliado a maneira como o próprio Império promoveu o desenvolvimento do sagrado ao apreciar, estimular e repreender determinadas práticas religiosas, engendrou um aparato de modificação dos costumes em face aos povos subjugados, quadro que pode ser verificado na região da Ásia Menor.

Nesse sentido, de maneira lenta, ocorreram mudanças nas regras de conduta, baseadas na consciência comum dos homens. Especialmente para os cristãos, as principais mudanças centram-se em torno do corpo: não há estima, nem desenvolvimento de hábitos militares e/ou de higiene por parte dos cristãos, tampouco apreço pela falta de moderação das coisas e, em especial, com o erotismo. Em contrapartida, a preocupação e principal mudança almejada estava direcionada aos afetos, como por exemplo, pureza e amor, além da disciplina para alcançar seus respectivos objetivos e que pressupõe a obediência aos ensinamentos de Cristo, como se o corpo, nesse momento, fosse capaz de reparar os problemas vivenciados pelos primeiros cristãos.

Dessa maneira, a análise do desenvolvimento do sagrado, em especial, por meio da modificação dos costumes vigentes no primeiro século, permitiu

compreender que a nova proposta de educação para o corpo foi chancelada, sobretudo, pela alteração da crença religiosa dos homens durante o I d.C. Assim, as principais alterações nas crenças religiosas concentram-se na maior abertura e recepção ao monoteísmo, em especial o monoteísmo cristão, tanto pela população do Ocidente quanto a do Oriente. Fato que foi impulsionado pelo declínio ou ainda pela inflexibilidade de outras religiões vigentes nesse momento.

Sob essa ótica, a modificação dos costumes e as alterações nas crenças religiosas, ocorreram de Paulo de Tarso. Sua boa formação, permitiu a Paulo ser capaz de dialogar com várias faces do Império durante o I d.C., seja pela capacidade de empreender viagens ou pela habilidade de falar várias línguas, Paulo de Tarso estabelece relações, nem sempre amigáveis, com outras culturas e tradições religiosas.

A comunicação entre Paulo e os novos adeptos do cristianismo nascente, por meio de suas correspondências, torna possível entender o cenário e os principais acontecimentos presentes no processo de formação das primeiras comunidades cristãs. Além da capacidade de mediar situações, compreender aspectos e firmar ou reforçar novas orientações sempre que necessário. Portanto, fornece um panorama geral das principais questões a serem resolvidas e permite administrá-las. A partir de sua boa formação, Paulo organiza e distribui os ensinamentos de Cristo, de acordo com suas aspirações políticas e particulares, e se torna capaz de propor uma nova formação aos homens.

Em certo sentido, espaços físicos são ressignificados pelos novos cristãos, como por exemplo, ao aproveitar das sinagogas judias para realizar suas cerimônias e conversões, ou ainda fazer da própria casa um espaço de culto, ao promover encontros e reuniões. Tais aspectos demandam certa frequência de convivência, por isso a maneira como o homem se comporta, bem como suas ações recebem grande importância no momento.

Para mais, a proposta de formação humana do cristianismo nascente pressupõe orientações para o corpo, de modo a analisar que para Paulo de Tarso, torna-se impossível pensar em uma formação humana que não contemple uma educação do corpo. Tal aspecto permite compreender que a proposta educacional concebida ao corpo parte de problemas sociais presentes na realidade de Paulo e dos primeiros cristãos. Não se trata de uma proposta abstrata, antes de tudo, advém da vida concreta e diária, fruto das relações entre os homens.

Considerando esses aspectos, a princípio, a postura de Paulo frente ao corpo era de condenação e desaprovação. Ora, não era possível ao homem se relacionar com o divino se suas ações confrontam o próprio divino; as relações entre o homem e Deus devem ser estabelecidas e cumpridas. Portanto, o cristianismo nascente em sua empreitada universalista e tendenciosa a conseguir novos adeptos, mesmo enfrentando problemas com relação ao corpo, preocupou-se com sua educação.

Os principais problemas, relacionados ao corpo, apontados por Paulo de Tarso são, em especial, de duas naturezas: Problemas de natureza sexual e problemas de natureza moral, ambos se relacionam com ações e comportamentos do corpo, e podem ou não serem compreendidos isoladamente. Nesse sentido, os principais problemas apresentados por Paulo são: indecência, injustiça, iniquidade, ambição, maldade, inveja, matança, discórdia, falsidade, malícia, arrogância e desobediência. Acrescenta-se ainda a incapacidade de amar, impureza, fornicção e o uso não natural do corpo.

Para Paulo esses problemas foram ocasionados devido à carência de sabedoria divina. Assim, é preciso que o cristão saiba como e porque agir. Por isso, a proposta de Paulo orientada aos primeiros cristãos, reitera que os problemas relacionados ao corpo poderiam ser resolvidos por meio da educação. Desse modo, a proposta realizada por Paulo de Tarso almeja a alteração dos comportamentos e ações do homem, especialmente dos citados acima, além da busca por modificar também a mentalidade dos novos cristãos.

A partir da análise centrada na percepção do corpo no tempo e no espaço da civilização romana antiga, auxilia na compreensão das potências e também das fragilidades apresentadas pelo corpo. Como potência destaca-se a capacidade de libertar, ensinar e conduzir o homem; por outro lado, as fragilidades expostas abordam a capacidade de escravizar, impedir e segregar os cristãos durante o I d.C.

Paulo atribui ao corpo um lugar de destaque dentro da tradição cristã inicial, sobretudo ao demonstrar que pensar o corpo pode ser importante quando se trata de apresentar uma nova proposta de formação humana.

Em conclusão, ao analisar os escritos paulinos, sem desconsiderar as especificidades do período estudado, que eram diferentes do nosso, é possível compreender que a proposta do cristianismo primitivo, apresentada especialmente por Paulo, de educação do corpo, é voltada para o entendimento do ser humano enquanto uno, ou melhor, em uma dimensão tripartite: material (corpo físico;

biológico), social (corpo que convive com próximo) e espiritual (corpo que porta as virtudes cristãs, especialmente o amor). Dessa maneira, Paulo de Tarso aborda uma educação do corpo que seja capaz de alcançar esses três aspectos. Nesse momento de promoção da doutrina, é fundamental que o homem tome partido pelo amor — não enquanto sentimento, mas, sim, como um processo de dedicação e sensibilização para com o outro.

Por todos esses aspectos, diversas exortações proferidas por Paulo demonstram que o corpo, por meio da educação, torna-se capaz de revelar o ideal de moralidade presente nos segmentos do cristianismo nascente, colaborando para o desenvolvimento das virtudes cristãs, de modo a ecoar o estado e os comportamentos dos primeiros cristãos, contando sua história.

Com essa proposta educacional, Paulo de Tarso centra-se em uma pedagogia fundada no exemplo, na qual o cristão, por meio de suas ações e comportamentos, pode ensinar aos demais com quem convive. Assim, era ensinado, sobretudo, as virtudes cristãs, como, por exemplo, a pureza e o amor, em um processo de propagação da dinâmica dos afetos em oposição à racionalidade vigente. Dessa maneira, Paulo de Tarso, por vezes, mesmo negando a cultura clássica, contraditoriamente, quando necessário, se ampara em seus referenciais ao tempo que também se ancoram na tradição judaica; assim, contribuindo com as bases da cultura cristã.

Ademais, com os estudos das correspondências de Paulo de Tarso, aliados a pesquisa histórica de como era o tempo em que esteve inserido, compreende-se que a proposta educacional é reflexo de seu próprio tempo; por isso, torna-se fundamental considerar e discutir o ambiente plural e global em que Paulo esteve inserido.

Em suma, ao realizar o estudo a respeito do contexto social e mental da Antiguidade, em especial durante o século I d.C, compreende-se que, considerando seu aspecto formativo, o corpo, possui uma finalidade educativa: ser sagrado; sendo necessário preocupar-se com sua educação, pois nele estão circunscritas diferentes formas de se relacionar e possibilidades de viver e conviver. Para mais, analisa-se ainda que o corpo é passível de sofrer influência dos discursos vigentes, seja cultural, social, político ou religioso, o que permite compreender a importância de ampliar o conhecimento sobre o corpo e sua relação social na formação dos homens.

Ao cogitar, refletir ou analisar uma proposta de formação humana, deve-se recordar que o processo de educação do corpo é importante, devido a seu potencial pedagógico, por isso sua capacidade de aprender e ensinar deve ser considerada. Desse modo, compete à história e ao historiador, sobretudo ao historiador da educação, firmar o vínculo entre passado e presente, a fim de demonstrar a relevância desse processo no campo da educação.

Além disso, a investigação proposta por intermédio da história permite analisar o caminho das transformações sociais que tanto o Ocidente quanto o Oriente estavam passando em seus respectivos movimentos históricos. Nessa perspectiva, as discussões realizadas sobre essa temática contribuem em grande parte para o diálogo em relação à educação do corpo em sua totalidade, que ainda é pouco estudado em sua dimensão histórica.

Enfim, encontra-se importância neste trabalho também pela necessidade de utilizar a história a serviço da humanidade, com a possibilidade de apresentar exemplos para a compreensão do momento atual, e por acreditar na capacidade da história em contribuir com o desenvolvimento da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABULAFIA, David. **O grande mar**: uma história humana do Mediterrâneo. Tradução de Cássio de Arantes Leite. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Livro eletrônico.
- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 8, p. 166-187, 2015.
- ALFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Tradução de Maria do Carmo Cary. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- AMARAL, Roseli Gall da Silva. A pedagogia cristã primitiva: a formação do homem ideal em Paulo de Tarso. In: **Seminário de Pesquisa do PPE**. Maringá, 2009.
- ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: UNESP, 2016.
- ARENS, Eduardo. **A Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**. Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do novo testamento. Tradução de João R. Costa. São Paulo: Paulos, 1997.
- BALL, Charles Ferguson. **A Vida e a Época do Apóstolo Paulo**. Tradução de Neyd Siqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- BARATA, António Manuel Ribeiro Themudo. **Judeo-cristianismo (século I): oriente e ocidente**. Tese (Mestrado em História), Universidade de Lisboa, Portugal, 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz A. Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH-Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 15, p. 1-23, 2005.
- BELISARIO, Bruno Machado. O dualismo corpo-alma e sua influência no cristianismo e na sociedade ocidental. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 5, n. 2, p. 886-900, 2017.
- BÍBLIA, Antigo Testamento. **Bíblia sagrada**. Tradução dos Monges de Maredsous. São Paulo: Editora AVE-MARIA, 2005.
- BÍBLIA. Novo Testamento. **Apóstolos, epístolas, apocalipse**. Vol. II. Tradução de Frederico Lourenço. Companhia das Letras. São Paulo: 2017.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história** ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BROWN, Peter. **A ascensão do cristianismo no ocidente**. Lisboa: Presença, 1999.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In **História da vida privada, I: do império ao ano mil.** DUBY, Georges.; VEYNE, Paul. (Org.). Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Livro eletrônico.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPOS, Glicia Silva. **Os pecados capitais e a simbologia animal na prédica de Santo Antônio.** 2015. Tese (Doutorado em Letras), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CAMPOS, Ludimila Caliman. O cristianismo e o império romano: tópicos sobre mobilidade espacial, identidade étnica e hibridismo cultural. **Estudos de religião,** São Paulo, v. 28, n. 2, p. 11-30, 2014.

CARDOSO, Leonardo Mendes. **Inclusão social prevista exclusão inevitável: saúde, pureza e santidade no contexto do Levítico 13 e 14.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

CARNEIRO, Douglas Castro. Paulo de Tarso e a representação da escravidão na epístola aos romanos. In: **PARA ALÉM DA CRENÇA: história, experiências religiosas e relações de poder.** Ana Paula Cantelli Castro, José Petrucio de Farias Junior (Orgs.). Belém: RFB, 2022.

CARVALHO, Jane Viana Almeida de. **Um barco esquecido na praia: Arqueologia e simbologia do Barco da Galileia.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2017.

CAVALCANTI, Juliana Batista. Escravos do senhor. Identidade e relações de poder nas comunidades paulinas. **Fato & Versões-Revista de História,** v. 9, n. 16, p. 145-161, 2016.

CAVICCHIOLI, Maria de Lourdes. Silva. Barros. **A cultura clássica e o magistério de Paulo de Tarso.** Tese (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2005.

CAVICCHIOLI, Maria de Lurdes Silva Barros; PEREIRA MELO, José Joaquin. Paulo de Tarso e formação do homem cristão. In: **IV Jornada de Estudos Antigos e Medievais.** Maringá, 2005.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-Americanos,** v. 28, n. 1, p. 183-194, 2002.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da renascença às luzes.** Tradução de Lúcia M. C. Orth. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DA COSTA, Lorena Munhoz; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Paulo de Tarso: a educação no cristianismo primitivo. In: IV Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica do Cesumar. **Anais** [...] Maringá, 2008.

DA COSTA, Marco Antônio. A relevância sócio-comunicativa da carta na Roma antiga. **Revista Mundo Antigo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, pp. 77-90, 2014.

DA LUZ, Diogo. Análise de 1coríntios 2,1-5: paulo de tarso em comparação com osestoicos sobre “sabedoria”. **Prometheus**, v. 14, n. 38, p.123-136, 2023.

DE ASSIS, Maristela Patrícia. A Liberdade Cristã. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 22, n. 4, p. 317-324, 2012.

DE COULANGES, Fustel Numa. Denis. **A cidade antiga**. Tradução de Frederico Ozanam P. de Barros. Editora das Américas S.A. - EDAMERIS, São Paulo, 2006. Livro eletrônico.

DEGAN, Alex. Qual é o império romano de Flávio Josefo? In: **As formas do império romano**. Fábio Faversoni, Fábio D. Joly (Orgs.). Minas Gerais: UFOP, 2014. p.17-29.

DÍON DE PRUSA. **Discursos**: XII – XXXV. Traducción de Gonzalo Del Cerro Calderón. Madrid – ESP: Editorial Gredos, 1989.

DO ESPÍRITO SANTO, Magno Lessa. A convocação para se reunir: A palavra ekklesia no uso popular, na LXX, nos evangelhos e na literatura paulina. **Tear Online**, v. 8, n. 1, p. 43-49, 2019.

ENGELS, Friederich. **Bruno Bauer e o Início do Cristianismo**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1882/05/11.htm>>. Acesso em 26/08/2023.

ENGELS, Friedrich; LUXEMBURGO, Rosa. **O Cristianismo Primitivo**. Estudos FABRIS, Rinaldo. **Para ler Paulo**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FEITOSA, Lourdes Conde. Paixão e desejo na sociedade romana: interpretações historiográficas. **História Antiga: contribuições brasileiras**. São Paulo: Annablume/Fapesp, p. 79-92, 2008.

FERREIRA, Joel Antônio. A imagem do corpo e opção pelos fracos (1 Cor 12, 14-27): embrião da Teologia da Libertação. **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 55, p.86-101, 2017.

FRIGHETTO, Renan. **A antiguidade tardia**: Roma e as monarquias romano-barbaras numa época de transformações (Séculos II - VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. Livro eletrônico.

FURTADO, Rodrigo. Paulo de Tarso: em torno da origem. In: **Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão**. José A. Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho e Nuno S. Rodrigues (Orgs.). Portugal: CECH, 2012. p. 13-28.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do império romano**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOUVÊA, Hélio da Costa. **Amor ao próximo**. Os Pobres como Sinal de Unidade (Gal 2,10). Monografia (Bacharelado em Teologia), Universidade São Francisco, Rio de Janeiro, 2021.

GRILLO, José Geraldo Costa; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Identidades, conflitos e interação no Império Romano: o caso da cidade de Éfeso na Ásia Menor. **Praesentia**, v. 17, p. 34. Chile, 2016.

GRIMAL, Pierre. **A civilização romana**. Tradução de Isabel S. Aubyn. Portugal: Edições 70, 2009.

GRIMAL, Pierre. **As cidades romanas**. Tradução de Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2003.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma**. Tradução de Maria L. Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Prefácio In: **As formas do império romano**. Fábio Favarsani, Fábio D. Joly (Orgs.). Minas Gerais: UFOP, 2014.

IZIDORO, José Luiz. Interação, conflitos, e desafios na identidade do Cristianismo primitivo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, p. 64-75, 2008.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JOLY, Fábio Duarte. Liberdade e escravidão no pensamento estoico romano: uma leitura da *Consolatio ad Polybium*, de Sêneca. **Revista de História (São Paulo)**, p. 1-20, 2017.

JUVENAL. **Sátiras**. Tradução de Francisco Antônio M. Bastos. EDIOURO: Rio de Janeiro, [1989?].

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Furhmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Tradução de Marcos F. Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE ROUX, Pierre. **Império romano**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

LEAL, Rubens Azzi. A higiene pública na antiga Roma. **Revista de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, v. X, n. 1, p. 65-72, 1950.

LEÃO, Delfim Ferreira. Paulo de Tarso e a Justiça dos Homens. Helenismo e Impiedade Religiosa nos *Actos dos Apóstolos*. In **Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão**. José A. Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho e Nuno S. Rodrigues (Orgs.). Portugal: CECH, 2012. p.101-113.

LOURENÇO, Frederico. Comentários. In: **Bíblia**. Novo Testamento. Apóstolos, epístolas, apocalipse. Vol. II. Tradução de Frederico Lourenço. Companhia das Letras. São Paulo: 2017.

LUCANO. Libro VII. In: **Farsália**. Tradução de Antonio Holgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

MARROU, Henri-Iréné. **História da educação na antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova . 4. ed. São Paulo: E.P.U, 1975.

MATOS, Keila. O Que a História Registrou Sobre Paulo, Corinto: a Igreja e as mulheres no Século I. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 17, n. 5, p. 931-948, 2007.

MAZZAROLLO, Isidoro. Alguns princípios na educação familiar no cristianismo primitivo. **Revista Visões**, v. 1, n. 4, p. 1-9, 2005.

MAZZAROLO, Isidoro. A importância do helenismo no pensamento do Apóstolo Paulo. **Theologica Xaveriana**, v. 69, n. 188, p. 1-24, 2019.

MAZZAROLO, Isidoro. Paulo e o discurso no areópago: desafios e superações do Cristianismo urbano. Um estudo de At. 17,22-34. **Revista Pistis & Praxis**, v. 13, n. 2, p.700-720, 2021.

MELO, José Joaquin Pereira. A educação paleo-cristã. **Teoria e Prática da Educação**. Maringá, v. 4. n. 9. p. 97-109, 2001.

MELO, José Joaquin Pereira. O cristianismo e a cultura clássica: oposição ou integração? **Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 2, p. 33-45, 2011.

MELO, José Joaquin Pereira.; DA SILVA, Roseli Gall do Amaral. A influência helenística na formação paulina e a expansão do cristianismo no século I. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 7, n. 19, p. 257-278, 2014.

MIRANDA, Valtair. Religião e sociedade na Ásia romana. **Religare**, Paraíba, v.13, n.1, p.150-179, 2016.

MUELLER, Ekkehardt. Pornéia: **Um Estudo sobre o uso do termo Grego**.

Tradução de Hugo Martins. Disponível em:

<<https://estudosadventistas.com.br/porneia-um-estudo-sobre-o-uso-do-termo-grego/>>. Acesso em: 20/03/2024.

NUNES, Ismael da Silva. O pecado original: uma construção que favoreceu o matrimônio. **História em Curso**. v. 5, n. 7, p. 222- 235, 2023.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**. São Paulo: E.P.U, 1979. Livro eletrônico.

OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. Saulo de Tarso (ou Paulo): poucas certezas de uma história incerta. In **A Escrita grega no Império Romano**: recepção e transmissão. José C. Baracat Jr. e Maria Aparecida de Oliveira Silva (Orgs.). Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2020. pp. 27-48.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. A apresentação de si de Paulo de Tarso diante dos Atenienses em seu discurso no Areópago de Atenas. **Ελληνικο βλεμμα**, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2017.

PENA, Abel Nascimento. De Tarso na Cilícia à Roma Imperial. A educação de Saulo. In **Paulo de Tarso**: Grego e Romano, Judeu e Cristão. José A. Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho e Nuno S. Rodrigues (Orgs.). Portugal: CECH, 2012. p. 29-45.

PENNA, Romano. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. **Atualidade teológica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 31, p. 55-91, 2011.

PEREIRA MELO, José Joaquin. A elaboração da *enkylios paidéia* cristã. In: II Jornada de estudos antigos e medievais: transformação social e educacional. **Anais** [...] Maringá, p. 54-60, 2002.

PETERSON, Erik. Teologia do vestuário. **A ordem**, v. XXIV, p. 463-471, Rio de Janeiro: 1940.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PFEIFFER, Charles Franklin; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliff**. Tradução de Degmar R. Júnior. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

POLÍBIO. **Políbio: História pragmática**: livros I a V. Tradução de Breno B. Sebastiani. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática, São Paulo: Atlas. v. 3, p. 76-97, 2003.

RENAN, Ernest. **Paulo: o 13º apóstolo**. Tradução de Tomás da Fonseca. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; BRANDT, Karen Diandra. As comunidades cristãs originárias e seu comportamento anti-imperial. **Plura: Journal for the Study of Religion/Revista de Estudos de Religião**, v. 9, n. 2, p. 36-49, 2018.

SANTOS, Rogério Lopes. Sobre a origem do 'viver de acordo com a Natureza' em Zenão de Cítio. **Sofia**, Espírito Santo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 111–127, 2019.

SELVATICI, Monica. Identidades religiosas no mundo romano: O caso de judeus e cristãos na Ásia Menor dos séculos I e II dC. **Antíteses**, v. 8, n. 16, p. 50-70, 2015.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record. 2003.

SILVA, Neemias Oliveira da. Comer e beber no mundo antigo: os rituais da gastronomia em Apicius. XXVII **Simpósio Nacional de História**. Rio Grande do Norte, p. 2-15, 2013.

SILVEIRA, Leonardo dos Santos. Apontamentos sobre a relação de Paulo de Tarso com o Estoicismo a partir de 1 Coríntios. **Revista Coletânea**, v. 21, n. 41, p.71-92, 2022.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: **Corpo e História**. SOARES, Carmen Lúcia (Org.). São Paulo: Autores Associados, p.111 - 132, 2011.

SOUZA, Osmar de Martins. **O cristianismo primitivo e a cultura clássica: a formação do homem cristão**. Tese (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

ULLOA, Boris Agustín Nef; MARIANO, Rafael Willian. O amor ao próximo como caminho para a verdadeira liberdade segundo Gl 5, 13-26. **Encontros Teológicos**, p. 557-572, 2019.

ULLOA, Boris Agustín. Nef.; LOPES, Jean Richard. Epistolografia Paulina: origem e estrutura. **Perspectiva teológica**, Minas Gerais, v. 48, n. 3, p. 583-604, 2016.

VASCONCELLOS, Pedro Lima; FUNARI, Pedro Paulo. **Paulo de Tarso**: um apóstolo para as nações. São Paulo: Editora Paulus, 2013. Livro eletrônico.

VENTURINI, Renata. Lopes. Biazotto. *De religio a superstitio*: condescendência divina e poder imperial no tardo império. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 13, 2012. Vermelhos. Minas Gerais: 2013. Livro eletrônico.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão** (312-394). Tradução de Marcos de Castro. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Livro eletrônico.

VIEIRA, Jonathan Bahia. **Corporeidade em Alfonso Garcia Rubio e Adolphé Gesché**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

VIEIRA, Misael Juvenil. **A proeminência da justificação pela fé na teologia de Paulo aos romanos 5, 12-21**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2014.

VILELA, Magno. **Tertuliano, entre filosofia e teologia**. In: Apresentação no Café Filosófico, São Paulo, 2009.

VITO, Rosana Vasconcelos. **Sêneca (século I) e Delors (século XXI): aproximações e diferenças entre as propostas educacionais**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2019.

WIESE, Werner. A vida entre a fraqueza do corpo terrestre e a esperança do corpo celeste: uma análise de 2 Coríntios 5.1-10. **Vox scripturae**, v. 23, n. 1, p. 13-48, 2015.